



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA-PROLING
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

CRISLANI LIMA DE AMORIM

**O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM
OLHAR SOBRE A ORALIDADE**

JOÃO PESSOA

2024

CRISLANI LIMA DE AMORIM

**O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM
OLHAR SOBRE A ORALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística - Proling do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título em Mestre em Linguística, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A524g Amorim, Crislani Lima de.

O gênero parlenda no 1º ano do ciclo de alfabetização : um olhar sobre a oralidade / Crislani Lima de Amorim. - João Pessoa, 2024.

113 f. : il.

Orientação: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguagem - Parlenda. 2. Parlenda - Oralidade. 3. Ciclo de alfabetização - Gêneros orais. 4. Linguagem oral - Processos educativos. I. Cavalcante, Marianne Carvalho Bezerra. II. Título.

UFPB/BC

CDU 801.6(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
CRISLANI LIMA DE AMORIM

Aos dezesseis dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro (16/07/2024), às catorze horas, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada “**O GÊNERO PARLENDIA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE**”, apresentada pelo(a) mestrando(a) **CRISLANI LIMA DE AMORIM**, Licenciado(a) em **Pedagogia** pelo(a) **Universidade Estadual da Paraíba - UEPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de **MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Isabelle Cahino Delgado (Examinadora/PROLING-UFPB) e Paulo Vinicius Ávila Nóbrega (Examinadora/UEPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a).Dr(a).Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito APROVADA. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 16 de julho de 2024.

Observações

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
(Presidente da Banca Examinadora)

Paulo Vinicius Ávila Nóbrega
Prof(a).Dr(a). Paulo Vinicius Ávila Nóbrega
(Examinador)

Isabelle Cahino Delgado
Prof(a). Dr(a). Isabelle Cahino Delgado
(Examinadora)

RESUMO

O aluno tem contato com a oralidade muito antes mesmo de chegar à escola, mas é no processo educativo que ele compreenderá os usos da linguagem oral e sua relação com a prática social. Com as novas orientações e os estudos atuais na área da Linguística, a exemplos de Marcuschi (2008), Schneuwly e Dolz (2004), percebe-se que os conhecimentos adquiridos na escola dependem diretamente das competências orais, de leitura e escrita. Desta forma, a opção pelo gênero parlenda surgiu dos nossos estudos no exercício científico da pesquisa e das inquietações atuando na profissão docente, ao constatar que as características desse gênero são coerentes com o universo cultural das crianças, visto que a parlenda é um texto curto, contém rimas, humor, informalidade, jogo de palavras, linguagem verbal/visual. Partindo disso, nossa pesquisa tem como objetivo geral compreender o trabalho com oralidade, sob a perspectiva da professora, através da observação das práticas do gênero “parlenda”, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos a pesquisa buscou: a) Investigar a compreensão da professora sobre o papel da oralidade a partir das práticas com os gêneros orais indicados pela BNCC para o ciclo de alfabetização. b) Acompanhar as aulas com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização que tenham como foco o gênero parlendas. c) Descrever a interação entre professor-aluno a partir do gênero parlenda no desenvolvimento da oralidade em uma turma de 1º ano. Para suporte teórico da investigação, houve a contribuição de estudiosos como: Ávila-Nóbrega (2020), quando investiga a oralidade nos anos iniciais; Carvalho e Ferrarezi (2018), ao destacar o ensino da oralidade na escola; Cavalcante e Marcuschi (2007), quando trata de oralidade e gênero textual; Bakhtin (2016) com os estudos da linguagem; Lima (2008), ao abordar as parlendas; além de alguns documentos oficiais que tratam da oralidade com destaque para a BNCC (2018), os Direitos de Aprendizagem do PNAIC, entre outros. Na metodologia teremos uma pesquisa de abordagem qualitativa e documental, a partir de reflexões e levantamento bibliográficos, com perspectiva descritiva. O método utilizado foi a pesquisa de campo e a coleta dos dados ocorreu ao longo de um semestre de 2023. Realizamos, ainda, um questionário sociocultural, uma entrevista semiestruturada e um registro das filmagens de uma semana de aula na turma do 1º do ciclo de alfabetização. As análises apontaram que o gênero parlenda pode ser um importante recurso no desenvolvimento de práticas com oralidade, pois este gênero oral colabora com a construção fonológica da criança com a percepção de ritmo e rimas e com o reconhecimento dos sons e letras. Assim, oportuniza o aluno a aquisição das habilidades orais e a inserção nas modalidades da língua, por meio da ludicidade, da brincadeira e do protagonismo com a modalidade oral e escrita da língua.

Palavras-chave: ciclo de alfabetização; oralidade; parlenda.

ABSTRACT

Students have contact with oral language long before they reach school age, but it is in the educational process that they will understand the uses of oral language and its relationship with social practice. With the new guidelines and current studies in the area of Linguistics, such as Marcuschi (2008), Schneuwly and Dolz (2004), it is clear that the knowledge acquired at school depends directly on oral, reading and writing skills. In this way, the option for the *parlenda* genre arose from our studies in the scientific exercise of research and concerns working in the teaching profession, as we found that the characteristics of this genre are coherent with the cultural universe of children, since the *parlenda* is a short text, contains rhymes, humor, informality, wordplay, verbal/visual language. Based on this, our research has the general objective of understanding the work with orality, from the teacher's perspective, through the observation of practices of the “*parlenda*” genre, in a 1st year elementary school class. As specific objectives, the research sought to: a) Investigate the teacher's understanding of the role of orality based on practices with the oral genres recommended by BNCC for the literacy cycle. b) Follow classes with the 1st year class of the literacy cycle that focus on the genre of narratives. c) Describe the interaction between teacher-student using the narrative genre in the development of speaking skills in a 1st year class. For theoretical support of the investigation, there was the contribution of scholars such as: Ávila-Nóbrega (2020), when investigating orality in the early years; Carvalho and Ferrarezi (2018), highlighting the teaching of speaking at school; Cavalcante and Marcuschi (2007), when dealing with orality and textual genre; Bakhtin (2016) with language studies; Lima (2008), when addressing the stories; in addition to some official documents that deal with orality, with emphasis on the BNCC (2018), the PNAIC Learning Rights, among others. In the methodology we will have a qualitative and documentary research approach, based on reflections and bibliographical survey, with a descriptive perspective. The method used was field research and data collection took place over the course of a semester in 2023. We also carried out a sociocultural questionnaire, a semi-structured interview and a record of the filming of a week of classes in the 1st grade class. literacy. The analyzes showed that the *parlenda* genre can be an important resource in the development of oral practices, as this oral genre contributes to the child's phonological construction with the perception of rhythm and rhymes and the recognition of sounds and letters. Thus, it provides the student with the opportunity to acquire oral skills and insertion into the language modalities, through playfulness, play and protagonism with the oral and written forms of the language.

Keywords: literacy cycle; orality; *parlenda*.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela sua infinita bondade e misericórdia “porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês’, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro” (Jeremias:29).

Ao meu **esposo** e a minha **família**, pelo amor, compreensão, e por sempre ter apoiado a realização dos meus sonhos.

Ao meu amigo **Luciano de Jesus Oliveira**, pela parceria na vida acadêmica e profissional, sua amizade valorizo e guardo no meu coração.

Agradeço a todos os amigos, de forma particular a **Maria Neide da Silva** e **Maria de Fátima**, gratidão por toda a assistência, carinho e encorajamento, vocês foram essenciais nessa jornada

À minha orientadora a **Prof.^a Dr.^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante**, pelo acolhimento, incentivo e orientações tão valiosas para meu crescimento como pesquisadora. Sempre com uma presença amiga. A ela minha enorme gratidão.

À **Prof.^a Dr.^a Evangelina Maria Brito de Farias** e à **Prof.^a Dr.^a Isabelle Cahino Delgado** pelas contribuições no exame de qualificação da pesquisa. Suas orientações foram essenciais para a construção de um novo olhar a respeito do objeto de estudo.

À **escola, aos alunos e à professora colaboradora** da pesquisa que nos acolheram com muito carinho, compromisso e profissionalismo.

À **Prof.^a Dr.^a Rosilene Felix Mamedes**, pelo incentivo e valiosas orientações dedicadas ao desenvolvimento desta pesquisa.

DEDICATÓRIA

A Deus, ao meu esposo e à nossa família, dedico!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: ESPAÇO DA SALA DE AULA, LÓCUS DA PESQUISA DESENVOLVIDA	50
IMAGEM 2: TRABALHANDO O FOLCLORE BRASILEIRO EM SALA DE AULA	66
IMAGEM 3: TEXTO 1	69
IMAGEM 4: TEXTO 2	69
IMAGEM 5: PARLENDAS E MUSICALIZAÇÃO	70
IMAGEM 6: ATIVIDADE DA ROTINA DIÁRIA A “PALAVRA DO DIA”	72
IMAGEM 7: VARAL DAS PARLENDAS	74
IMAGEM 8: CARTAZ DA PARLENDA UTILIZADO NA ATIVIDADE PRÁTICA	74
IMAGEM 9: ATIVIDADE ESCRITA A PARTIR DA PARLENDA “O SAPO DENTRO DO SACO”	76
IMAGEM 10: CRIANÇAS CONCLUINDO A ATIVIDADE ESCRITA A PARTIR DA PARLENDA “O SAPO DENTRO DO SACO”	76
IMAGEM 11: REGISTRO DA APRESENTAÇÃO DA PARLENDA “ERA UMA BRUXA, A MEIA NOITE.”	79
IMAGEM 12: APRESENTAÇÃO DE PARLENDAS PELO ALUNO W1	81
IMAGEM 13: APRESENTAÇÃO DE PARLENDAS COM A TURMA DO 1º ANO NO PÁTIO DA ESCOLA	82
IMAGEM 14: EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DO 1º ANO NO PÁTIO DA ESCOLA	82
IMAGEM 15: LIVRO ABORDADO.....	84
IMAGEM 16: AULA CAMPO REALIZADA NA CASA DA CULTURA DO MUNICÍPIO - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	86

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - QUANTITATIVO DOS ESTUDOS ENCONTRADOS NO ANO DE 2023	17
QUADRO 2 - TESES E DISSERTAÇÕES MENCIONADAS NO ESTADO DA ARTE	18
QUADRO 3 - PROGRESSIVIDADE NO ENSINO DA ORALIDADE	33
QUADRO 4 - EIXO DA ORALIDADE NA PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DA PARAÍBA	35
QUADRO 5 - SÍMBOLOS DA TRANSCRIÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS.....	53
QUADRO 6 - REGISTRO DAS GRAVAÇÕES E DIAS DA COLETA DE DADOS	54
QUADRO 7 - GRADE DE HORÁRIO / ANOS INICIAIS 2022 – MATUTINO	63
QUADRO 8 - TEMAS ABORDADOS DURANTE A SEMANA DE REGISTRO.....	64
QUADRO 9 - TRANSCRIÇÃO 1-TRECHO DA OBSERVAÇÃO DA AULA COM PARLENDAS.....	
QUADRO 10 - TRANSCRIÇÃO 2- A PARLENDA “O SAPO DENTRO DO SACO”	72

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -TRATAMENTO DAS PRÁTICAS ORAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	34
TABELA 2 - MODALIDADES DE ENSINO NA ESCOLA CAMPO.....	48
TABELA 3 - COMPOSIÇÃO DOS ALUNOS SUJEITOS DA PESQUISA NA TURMA DO 1º ANO	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ESTADO DA ARTE.....	17
2 A CONSTRUÇÃO DA ORALIDADE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	26
2.1 ORALIDADE: ORIENTAÇÕES PROPOSTAS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO.....	30
2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS	36
2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS NOS ANOS INICIAIS: PARLENDAS (GÊNERO DA TRADIÇÃO ORAL).....	40
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	46
3.2 LOCAL DA PESQUISA	47
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	48
3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	50
3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	51
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	52
4 DAS OBSERVAÇÕES ÀS ANÁLISES.....	54
4.1 A PROFESSORA REGENTE: TEORIA X PRÁTICA	54
4.2 OBSERVAÇÕES E ANÁLISES REALIZADAS COM A TURMA DO PRIMEIRO ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO.....	63
4.2.1 REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES CONSIDERANDO AS ATIVIDADES MINISTRADAS NA SALA DE AULA DO 1º ANO - CICLO DE ALFABETIZAÇÃO AO DECORRER DA OBSERVAÇÃO	66
4.3 OUTROS CONTEXTOS DE ORALIDADE OBSERVADOS NA PRÁTICA DOCENTE.....	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O PROJETO DE PESQUISA	95
APÊNDICE B - CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO PROGRAMA DE LINGÜÍSTICA.....	96
APÊNDICE C - CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA	97
APÊNDICE D - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	98
APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	101
APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO	103

APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	106
APÊNDICE H - ROTEIRO DA ENTREVISTA	107
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	108
ANEXO B - GÊNERO PARLENDA E O FOLCLORE BRASILEIRO.....	109
ANEXO E - CULMINÂNCIA DA SEMANA DO FOLCLORE COM A TURMA DO 1º ANO.....	114

1 INTRODUÇÃO

Pensar o desenvolvimento de práticas orais e escritas é uma árdua tarefa, visto que o processo de ensino-aprendizagem precisa estabelecer conexões com a realidade do aluno, isto é, tornar o saber significativo, como também relacioná-lo às questões práticas e às exigências do mundo atual. Embora as exigências e orientações para o trabalho a partir dos gêneros orais e escritos já estejam em voga desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), ainda há um distanciamento muito grande entre a teoria e a prática da sala de aula. Nesse sentido, Antunes (2016) aponta que o lugar da escrita é muito maior nas escolas do que a oralidade, haja vista os professores tendem a explorar mais os gêneros escritos e renegar a oralidade como um lugar coadjuvante.

Tal distorção impacta na desenvoltura dos sujeitos com os gêneros orais, pois da mesma forma que os gêneros escritos precisam obedecer à situação comunicativa, na oralidade também há uma estrutura a ser atendida de acordo com a enunciação. Dessa forma, não se pode usar a mesma linguagem para uma entrevista de emprego, e para uma conversa informal, por exemplo. Da mesma maneira, permanecer em um discurso oral formal, não tem a mesma exigência linguística do que um discurso informal com sujeitos do seu dia a dia. É a partir desses postulados que a escola precisa orientar desde cedo como que a criança vai lidar em situações comunicativas diferentes, iniciando essa apresentação da diversidade textual por gêneros mais simples, em que elas experimentem situações comunicativas diversas e saibam utilizar os gêneros de acordo com o momento enunciativo.

É nesse sentido que se percebe, por vezes, o distanciamento entre teoria e prática, em que ultrapassa o limite da formação do professor e se reflete no livro didático (LD), o qual tende a repetir o mesmo equívoco explorando mais a escrita do que a oralidade. Nessa mesma orientação, Soares (2020) enfatiza a importância da teoria em relação à prática, afirmando que tudo começa no planejamento, no momento da escolha do gênero e de como o gênero será explorado, buscando desenhar os objetivos de modo atender um dado fim. Segundo essa autora, o professor precisa está revisitando, o tempo todo, suas “metas e objetivos” para alinhar e ajustar quando necessário de acordo com o progresso ou não do aluno.

Posto isso, e sabendo da importância da oralidade no espaço educacional, é que esta pesquisa parte da experiência com turma de 1º ano, de uma realidade observada no

Município de Sobrado-PB. Assim, atuando na função de supervisora escolar, percebemos a dificuldade dos professores em trabalhar com a língua pautada nos aspectos da oralidade e da diversidade de gêneros textuais, na perspectiva da língua e da diversidade de gêneros textuais, na perspectiva da língua em aspecto social. Nesse sentido, o ensino da língua materna, a partir da linguagem enquanto interação social, vê o aluno como sujeito social a partir do seu lugar, sendo agente do seu meio e atuante nele por meio da linguagem. Para Bakhtin (2016, p. 127), “o processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim [...]”. Isso significa dizer que há um caráter de interação na língua, em que Bakhtin chama de dialogicidade. Para tanto, quando uma criança começa a balbuciar, e aos poucos ela vai oralizando há uma relação entre o mundo interior (dela) e o exterior, que representa o outro, o ouvinte. Assim, desde os seus primeiros momentos com a oralidade a criança quer se comunicar, e é papel da escola conduzi-la à diversidade textual e, conseqüentemente, ampliar o repertório dos alunos por meio de práticas orais.

Posto isso, cabe à escola introduzir os alunos tanto em gêneros escritos, quanto orais, visto que eles estão nas mais diversas formas sociais da linguagem. Indo de encontro a isso, o que se tem no espaço educacional é muito mais a preocupação em apresentar os gêneros escritos e desenvolver as habilidades destinadas a esta modalidade, do que o trabalho com as situações orais da linguagem, negligenciando, assim, o trabalho com a oralidade.

Nesse sentido, esta pesquisa propõe compreender a construção da oralidade a partir do gênero textual “parlenda” em uma turma de 1º ano do ciclo de alfabetização no município de Sobrado/PB. A opção pelo gênero “parlenda” se deu devido ao fato de ser um gênero simples, e do conhecimento dos alunos, já que é uma estrutura textual que faz parte da sociedade, inclusive, do nosso Folclore brasileiro, além de ser um recurso pedagógico rico e lúdico para o trabalho com a criança a partir dos recursos socioculturais. Assim, como é necessário trabalhar a ludicidade em sala de aula, é possível explorar os sons, as rimas e a musicalidade da parlenda, envolvendo as crianças de forma lúdica e pedagógica para o trabalho com a língua/linguagem.

Dessa forma, como a parlenda já faz parte do universo infantil, antes mesmo de chegar à escola o caráter lúdico desse gênero chama a atenção das crianças para a interação e brincadeiras na infância, essa característica é muito importante nas práticas com o gênero oral em sala de aula no desenvolvimento da língua escrita. Nessa perspectiva, a formação global do aluno depende das práticas interativas por meio de

diferentes gêneros textuais, e pensando nisso que os documentos oficiais da educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e os Direitos de Aprendizagem do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), já orientavam (PCNs) e hoje normatizam (BNCC) o ensino para o trabalho a partir da diversidade textual, contemplando a necessidade de se explorar a oralidade a partir de fins bem delimitados para que se atenda aos objetivos pedagógicos. É nesse sentido que a BNCC (2018) vem a público como forma de normatizar o trabalho com a língua materna a partir dos gêneros e das práticas do letramento, delimitando as habilidades e competências essenciais que os alunos devem alcançar nessa etapa da educação básica.

Após refletirmos acerca destas questões, considerando a necessidade de discussão e debate, o objeto desta pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: De que maneira se materializa a oralidade no gênero textual (parlenda) no 1º ano do ciclo de alfabetização?

Portanto, faz-se necessário refletir sobre esta questão, chamando à escola o seu papel na efetivação de práticas com a oralidade e, de forma muito particular, os docentes a um trabalho consciente com a língua oral. Dessa forma, buscamos contribuir com uma reflexão-ação sobre como são e/ou devem ser constituídas as práticas orais mediadas pelo gênero textual parlenda, com foco na sala de aula do ciclo de alfabetização 1º ano do Ensino Fundamental, em uma Escola do Município de Sobrado-PB.

A escola é um espaço que deve oportunizar diferentes práticas de conhecimentos para seus alunos, levando em consideração a particularidade de cada sujeito e promovendo respeito e encaminhamentos às suas limitações. Assim, é necessário que a escola desperte para uma prática educativa que permita aos alunos desenvolverem suas capacidades a partir de momentos com interações orais, compartilhando o tempo pedagógico em sala de aula para além das atividades de leitura e escrita. Desta forma, o ensino de língua e seus usos nas diversas áreas do currículo deve levar em consideração a diversidade das funções e situações sociais, ou seja, o aluno precisa conhecer as possibilidades de uso da língua e fazer uso consciente da fala e da escrita (Brasil, 2013).

Em concordância com as ideias apresentadas, é necessário superar essa dicotomia entre o oral e o escrito em sala de aula, levando o aluno a compreender que um depende do outro, e a diferença entre eles está na maneira e no gênero escolhido, dado que podemos encontrar traços orais em textos escritos e vice-versa. Saber expressar-se com segurança envolve uma adequação por meio dos gestos, como também através da

capacidade de ouvir, solicitar ou ceder os turnos de fala, ou seja, interagir pela fala exige uma postura adequada às situações formais e informais. Nesse contexto a prática com a oralidade favorece o desenvolvimento da língua/linguagem.

Sobre o papel da oralidade no ensino das séries iniciais, a BNCC (2018) e os Direitos de Aprendizagem do PNAIC (2013), enfatizam a importância da formação de indivíduos que utilizam com apropriação a linguagem tanto na modalidade escrita como na oral. Observa-se que o componente curricular Língua Portuguesa na BNCC (2018) considera as orientações propostas anteriormente pelos PCNs (1998) ao tratarem da linguagem como um processo de interação, na diversidade das situações e práticas sociais, que também intensificam o contato com a língua oral e escrita, levando em consideração as experiências já adquiridas no convívio da família e na Educação Infantil.

Dentro da perspectiva de valorização da oralidade no ciclo de alfabetização, Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam a importância da abordagem dos gêneros orais na escola. Tal relevância ocorre pois os gêneros fazem parte de nossas vidas de acordo com as experiências e consciência proveniente de alguns fatores: como as práticas de linguagens e as estratégias de ensino, que são os instrumentos de apropriação dos gêneros pelos alunos.

Segundo Porto (2009), o professor deve possibilitar ao aluno o contato com a variedade de gêneros, ampliando sua visão em relação ao uso da língua, levando-os a compreender a multiplicidade de suas funções. Diante do exposto, e identificando que muitos alunos concluem a jornada escolar sem vivenciar efetivamente os gêneros orais, faz-se necessário que este profissional, juntamente com a escola, reavalie sua atuação e explorem os conhecimentos amplo da língua.

Para essa pesquisa levantamos as seguintes hipóteses a serem confirmadas: embora haja um trabalho com a oralidade em sala de aula, essa se dá de forma intuitiva, sem que se tenha um objetivo pedagógico alicerçado em uma teoria e até mesmo com um planejamento bem definido. No geral, há atividades propostas pela docente com os gêneros textuais orais como músicas, contação de histórias e outros gêneros, mas sem um planejamento estratégico definido, pautado em uma sequência didática alicerçada em teoria x prática, na qual geralmente a competência escrita se sobrepõe à oralidade.

Nosso objetivo geral consiste em analisar o trabalho com a oralidade, sob a perspectiva da professora, através da observação das práticas do gênero parlenda, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos pretendemos:

- Investigar a compreensão da professora sobre o papel da oralidade a partir das práticas com os gêneros orais indicados pela BNCC (2018) para o ciclo de alfabetização.
- Observar as aulas com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização que tenham como foco o gênero parlenda.
- Descrever a interação entre professor-aluno a partir do gênero parlenda no desenvolvimento da oralidade em uma turma de 1º ano.

1.1 ESTADO DA ARTE

O primeiro ciclo dos anos iniciais (1º e 2º anos) tem como foco a alfabetização, com uma proposta de educação que visa a formação integral do aluno e a consolidação das habilidades de leitura, escrita e oralidade. Assim, este campo de atuação tem despertado ao longo dos anos a atenção de pesquisadores na área da Linguística, preocupados com os obstáculos enfrentados pelos alunos, professores e escola no tocante à aprendizagem satisfatória em leitura/escrita e oralidade ao final dessa etapa da educação básica.

Neste contexto, nos propomos a investigar como os trabalhos teóricos recentes têm tratado a oralidade a partir das palavras-chave presentes em nossa temática. Realizamos uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES no mês de agosto de 2023, utilizamos para isso os filtros da própria base de dados, considerando as teses e dissertações publicadas, nos últimos cinco anos em âmbito nacional (2018-2022), levando em consideração as palavras-chave cadastradas da seguinte forma: alfabetização; oralidade; anos iniciais, parlendas.

QUADRO 1 - QUANTITATIVO DOS ESTUDOS ENCONTRADOS NO ANO DE 2023

BASE DE DADOS			Quant.
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES			20
ÁREA DO CONHECIMENTO			
Educação e Ensino	16	Letras	04

Fonte: Elaboração própria

A partir da busca na base de dados, não encontramos nenhum estudo referente ao gênero parlenda e oralidade, porém identificamos um total de 20 estudos entre

dissertações e teses, desenvolvidas pelas áreas de Educação/Ensino (16) e Letras (4). Dessa forma, apresentaremos no quadro 2 os estudos recentes sobre a oralidade no processo de alfabetização. Após essa etapa concluída com a leitura de todos os resumos encontrados, selecionamos as produções que dialogam de alguma forma com a nossa temática de pesquisa.

QUADRO 2 - TESES E DISSERTAÇÕES MENCIONADAS NO ESTADO DA ARTE

Nº	Título/Autor/Ano/ Instituição	Objetivo	Metodologia	Natureza
01	A oralidade nos livros didáticos e nas salas de aula de alfabetização: compreensões docentes e uso do livro didático para esse ensino. Mendes, Estephane Priscilla dos Santos 2022 (UFPE)	Analisar as concepções de ensino da oralidade de professoras alfabetizadoras e o uso e conteúdo do Livro Didático para o ensino desse eixo no Ciclo de Alfabetização.	Pesquisa de campo, análise documental e entrevistas;	Tese
02	Entre a leitura tátil e a leitura oral: letramentos de jovens cegos na contemporaneidade Martinez, Amanda Botelho Corbacho 2019 (UFBA)	Compreender como ocorrem os letramentos de jovens cegos na contemporaneidade, para contribuir com a discussão no campo da educação, sobretudo no que se refere ao ensino da leitura e da escrita.	Foi realizado um estudo qualitativo e utilizada a entrevista semiestruturada como dispositivo de pesquisa;	Tese
03	Desenvolvimento profissional docente: narrativas de professoras dos anos iniciais sobre experiências de leitura e contação de histórias. Moura, Eliane das Neves 2019 (UFMT)	Compreender o desenvolvimento profissional das professoras participantes por meio das narrativas das suas práticas de leitura e contação de histórias, as aprendizagens ocorridas após as formações realizadas, além dos desafios e dilemas relacionados à prática da contação de histórias em sala de aula.	Trata-se de estudo investigativo de abordagem qualitativa, tendo a pesquisa narrativa, como método de pesquisa e fenômeno a ser estudado.	Tese

04	Círculos de cultura no rio grande do Sul: um movimento de alfabetização realizado a partir de Paulo Freire (1963-1964)	Analisar o contexto histórico e a constituição dos círculos de cultura, no Rio Grande do Sul mediados pela presença de Paulo Freire (e a partir dela) entre os anos de 1963 e 1964.	A análise documental histórica de jornais como Correio do Povo, Jornal do Dia e Diário de Notícias, bem como da análise de entrevistas realizadas mobilizando a metodologia da História Oral.	Tese
	Dalsotto, Mariana Parise Brandalise.			
05	2022 (UCS)			
	Apropriação da linguagem escrita por meio de aplicativos em dispositivos digitais	Compreender o modo como as crianças se apropriam da linguagem escrita por meio do uso do aplicativo WhatsApp em smartphones e pela construção de narrativas com o uso do programa Microsoft Word em computadores.	A pesquisa-ação, o uso do aplicativo WhatsApp e de narrativas, com base nos contos clássicos dos irmãos Grimm.	Tese
	Santos, Sônia de Oliveira			
2019 (UNESP)				
06	A oralidade como eixo estruturante da prática pedagógica de alfabetizar letrando: pesquisa reveladora de necessidades da formação docente	Investigar necessidades da formação docente reveladas em práticas pedagógicas do Ciclo de Alfabetização, quando estas têm a Oralidade como eixo estruturante prioritário do processo de alfabetizar letrando.	O estudo foi inscrito na abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como percurso metodológico o estudo de caso. A análise dos dados, orientada por princípios da Análise de Conteúdo.	Dissertação
	Miranda, Gilvania Lima de Souza.			
	2019 (UFRN)			
07	O brincar e o aprender a ler na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a infância em foco	Examinar e refletir sobre o trabalho pedagógico na passagem da Educação	Realizou-se um levantamento sobre as concepções de	Dissertação

	Americo, Rafaela Barbosa	Infantil para o Ensino Fundamental I.	língua e linguagem, observações e investigação documental.	
	2022 (USP)			
08	Entre o prescrito e o vivido: as artes de fazer e a progressão do ensino da leitura e da escrita no bloco inicial de alfabetização	Investigar as artes de fazer e a progressão do ensino de língua portuguesa no Bloco Inicial de Alfabetização frente às prescrições para o ensino da leitura e da escrita.	Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e um estudo de caso de tipo etnográfico além da observação participante em três turmas do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) de uma Escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, durante o ano letivo de 2018, a entrevista de grupo focal com as docentes e recorreu-se à análise de conteúdo temática descrita por Bardin (2016) e Franco (2008).	Dissertação
	Perfeito, Marcia Vania Silverio			
	2019 (UNB)			
09	Práticas literárias de professores alfabetizadores: alicerce para o compartilhamento formativo com base nos multiletramentos	Identificar os objetivos didáticos, a frequências das práticas literárias e os desafios presentes em sala de aula nos primeiros anos escolares	Questionário com relatos sobre as memórias leitoras de 18 professores	

	Feitoza, Iranara Saraiva Alves	para formar leitores ao considerar o contexto que os alunos estão inseridos, bem como o papel da escola nessa tarefa educativa.	alfabetizadores em sua trajetória pessoal e profissional, proposta com intenção colaborativa e formativa com esses professores, com base na pedagogia dos multiletramentos,	Dissertação
	2020 (PUC)			
10	Mala Científica: Dando Asas à Imaginação a Partir da Literatura Infantil	Construir uma “Mala Científica” contendo propostas de atividades que explorem a articulação da Literatura Infantil e analisar contribuições dessa Mala para ensinar Ciências para as crianças no ciclo de alfabetização.	A sequência foi ministrada em sala de aula de forma compartilhada pela pesquisadora e regente, as análises de dados tiveram como aporte a coleta feita por diário de bordo da pesquisadora e da professora regente; registro escrito dos alunos; gravações de áudio, vídeo e fotografias das aulas e atividades; e conta também com a produção literária dos alunos, o que gerou um livro.	Dissertação
	Oliveira, Priscila Nadia Santos de			
	2020 (UFMG)			

11	Importância da oralidade no contexto do pacto nacional pela alfabetização na idade certa (PNAIC): análise da produção bibliográfica em educação	Analisar a referida produção bibliográfica com vistas a identificar contribuições para as práticas e para a formação de professores/as alfabetizadores/as atuantes no ciclo de alfabetização (1ª ao 3º ano do ensino fundamental), no tocante ao trabalho com gêneros orais.	Levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no Portal Scielo e o corpus de análise foi composto por uma tese, treze dissertações e seis artigos que versavam sobre oralidade/gêneros orais, publicados entre 2014 a 2018.	Dissertação
	Cosmo, Ana Benvinda Camargo da Silva			
	2019 (UFPEL)			
12	Os tempos e os espaços da leitura e da escrita na Educação Infantil	Investiga, por meio da escuta de narrativas dos professores, quais os tempos e os espaços da leitura e da escrita em salas de EI, levando em conta as especificidades deste segmento e compreendendo a criança como um sujeito histórico, social e de direitos.	História Oral, focalizando a escuta de suas narrativas sobre suas práticas pedagógicas de leitura e escrita com as crianças, os documentos oficiais que norteiam a Educação Infantil e com autores que tratam da inserção do sujeito em práticas sociais de uso de leitura e de escrita.	Dissertação
	Silva, Mellina			
	2020 (UNICAMP)			

13	Variedades linguísticas e relações entre oralidade e escrita: análise crítica dos livros didáticos de alfabetização de Foz do Iguaçu	Analisa criticamente os pressupostos teóricos que embasam os livros didáticos de alfabetização do município de Foz do Iguaçu nos anos de 2019 e 2020. Pontua os conceitos de alfabetização e esclarece se contemplam as variedades linguísticas neste processo, em relação com a oralidade e a escrita.	Pesquisa bibliográfica e documental de natureza básica, analisa os livros didáticos do professor e do aluno, intitulado "Ápis", de Língua Portuguesa do 1º e 2º ano do ensino fundamental, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, também, apostila entregue aos professores alfabetizadores pela Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu (SMED), nos anos de 2019 e 2020	Dissertação
	Ferrari, Camila Delatore			
14	2021 (Unioeste)			
	A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) nos anos iniciais do ensino Fundamental I: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita	Observar o comportamento comunicativo de um aluno com características autísticas, mas também, identificadas suas habilidades pré-adquiridas, mediar situações de aprendizagem que o estimulassem em um grupo com vinte e quatro	Apresenta um Estudo de Caso de um aluno autista, estudante do no 1º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola que pertence a Rede Municipal de Ensino de	
	Omena, Leise Cecilia de			

	2021 (UNESP)	alunos, em uma sala de ensino regular.	Assis, quando do início desta pesquisa, em 2019.	
15	Representação escrita da fricativa velar e da vibrante alveolar, em início de palavra e entre vogais, no Ensino Fundamental	Apurar os desvios de escrita, em especial a representação da fricativa velar e da vibrante alveolar em início de palavra e entre vogais, e em produções escritas de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, a partir de um trabalho contextualizado e sistemático com a ortografia, tendo em vista a relação social, geográfica, cultural e econômica, e a influência da fala na escrita, partindo de análises realizadas sobre os processos fonológicos e os registros dos discentes do Ensino Fundamental	O método de investigação utilizado para o desenvolvimento da pesquisa é a pesquisa-ação, estando esta inserida no campo da Linguística Aplicada com análise qualitativa dos dados.	
	Autor: Pereira, Daize Raquel			
	2019 (Unioeste)			

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar os resumos de cada estudo, detectamos que as teses de Mendes (2022) e Martinez (2019) abordaram as questões de “alfabetização” e “oralidade”, assim investigaram, o ensino da oralidade no ciclo de alfabetização proposto em livros didáticos; como também os letramentos dos deficientes visuais no que se refere ao eixo leitura/escrita.

Na pesquisa das palavras “alfabetização”, “oralidade” e “anos iniciais”, a tese de (Moura, 2019) enfatiza a temática por meio da prática do professor com leitura e contação de histórias como estímulo para a criatividade e oralidade. Já na tese de Dalsotto (2022), a pesquisa com a palavra “alfabetização” estava vinculada ao contexto histórico da alfabetização no Brasil com destaque para a década de 1960, e nos estudos de Santos (2019) refere-se ao uso dos dispositivos digitais pelas crianças na apropriação da escrita.

Em relação às dissertações encontramos a palavra “oralidade” e “alfabetização”. O estudo de Miranda (2019), por exemplo, investiga a formação docente em práticas de oralidade e alfabetizar/letrando no ciclo de alfabetização. Em Américo (2022) trata do brincar e do aprender a ler na Educação Infantil nos anos iniciais, tendo o mesmo desdobramento no trabalho de Feitosa (2020) e Perfeito (2019), com enfoque na leitura e na escrita no ciclo de alfabetização.

No trabalho de Oliveira (2020) propõe atividades com uma “Mala Científica” na conexão entre Literatura Infantil e ensino de Ciências. E, por fim, Cosmo (2019) disponibiliza um projeto de intervenção com as práticas de linguagem nos eixos: leitura, oralidade, produção de texto e análise linguística e semiótica, refletindo sobre o gênero seminário.

A dissertação de Silva (2020), por sua vez, discute acerca da oralidade, letramento e alfabetização na proposta da consciência fonológica; Ferrari (2021) analisa os livros didáticos e a variação linguística; e Omena (2021) discute sobre a inclusão de alunos com TEA, e práticas de aprendizagem com a linguagem oral. Já o estudo de Pereira (2019) menciona a relação entre fala e escrita, com foco em representação gráfica da fricativa velar e vibrante alveolar em início de palavras com vogais.

Os estudos analisados evidenciam a leitura e a escrita, ou a oralidade em uma interface multidisciplinar, como por exemplo, na pesquisa de Oliveira (2022). Ainda perdura uma lacuna, no que diz respeito ao trabalho com oralidade e letramento refletindo as práticas orais da linguagem em contexto escolar. Assim, a presente pesquisa justifica-se como inovadora à medida em que busca compreender o trabalho com oralidade, sob a perspectiva da professora, através da observação das práticas do gênero parlenda, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental.

2 A CONSTRUÇÃO DA ORALIDADE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

A oralidade é uma habilidade essencial no desenvolvimento linguístico dos falantes. Nesse sentido, “a oralidade é a primeira das formas de comunicação a que a pessoa está sujeita, revelando, de certa maneira sua identidade pessoal e cultural e, provavelmente a única que dificilmente será excluída da vida do sujeito” (Ribeiro, 2012, p. 87).

Desta forma, podemos compreender a oralidade como uma prática social interativa, que tem por finalidade a comunicação. Ocorre pela variedade de formas e gêneros textuais, pautados na realidade sonora, e perpassa as diversas situações formais e informais no uso da língua (Marcuschi, 2008). Nesse viés, “a construção da linguagem oral, implica a verbalização e a negociação de sentidos entre os participantes do diálogo” (Bizotto, Aroeira, Porto, 2010, p. 56).

Se conforme Bakhtin (2016, p. 34) “a palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” Nesse aspecto há o domínio da oralidade e da escrita. Sendo assim, cabe à escola o papel de conduzir a este domínio seja oral, ou seja, escrito. Dessa forma, refletir sobre este lugar da palavra é ir além do que está dito e trazer o lugar do sujeito, da escolha, do dizer, e, sobretudo, das esferas discursivas em que este sujeito se insere a partir do ato comunicativo e tudo que ele envolve.

Para Thomas (2005), ao se referir sobre a oralidade e a escrita, ele afirma que: “desde o início, ambas, devem ser examinadas juntas”. Ou seja, de forma associada, e não distintas, ou uma e depois a outra. O mesmo autor acrescenta ainda que:

A oralidade é frequentemente idealizada, revestia de idéias românticas e nostálgicas vinculadas ao folclore, à cultura folclórica e à tradição folclórica e ao nobre selvagem. O termo cultura oral, muitas vezes, é usado com o mesmo sentido de folclore; este, por sua vez, é visto como tradição oral [...] A cultura oral é inocente, pura e natural, não corrompida pela palavra escrita, ou talvez, dependendo do ponto de vista, a pura manifestação do caráter de um povo. (Thomas, 2005, p. 9)

É exatamente, nesse sentido, que a escola reproduz o trabalho com a oralidade, de forma “inocente”, quase sempre intuitiva, sem que haja um trabalho pautado em um planejamento estratégico para se explorar o gênero oral. Quando ocorre, quase sempre se explora no mês em que a escola comemora o folclore brasileiro, como parte “obrigatória” em que as professoras devem realizar projetos para se explorar o tema. Nessa situação, as

professoras tendem a trazer a cultura oral como forma de “representação de um povo. Nessa obra, em que Thomas (2005) aborda o letramento oral, ele explica que por muito tempo a oralidade tinha mais relevância do que a escrita, mesmo após o advento da tecnologia da escrita, para que o texto escrito tivesse valor era preciso ser lido em voz alta. E assim, os sujeitos validavam a escrita. Nesta fase da História a escrita era “pensada como instrumento mnemônico para o que deveria ser comunicado oralmente”, além de ter a função de “reforçar os costumes” (Thomas, 2005, p. 87). Desta forma, desde os primórdios o lugar da palavra sempre teve espaço na sociedade, seja ela oral ou escrita.

Assim, conforme Bakhtin,

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. (Bakhtin, 2016b, p.127)

Nesse contexto, a palavra constitui uma teia discursiva que liga o Eu e o Tu em outras correntes dialógicas. o Eu não só dialoga com o Tu, mas com outros vários Eus e com todo espaço exterior que está envolvido no momento da enunciação. A palavra jamais é emitida de forma aleatória, há sempre um porquê na sua escolha. sujeito nunca será nulo, ele é ativo em seu discurso. Nesse sentido, no momento do ato discursivo, Bakhtin (2006 a, p. 109) vai além ao afirmar que:

É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa.

Posto isso, percebe-se o envolvimento dos sujeitos discursivos, visto que ambos, o Eu e Tu, interagem de forma consensual para a efetivação da enunciação. Mesmo queum dos sujeitos não concordem com algo, mesmo assim, ele interage. Assim, como afirma Bakhtin, sempre há “um acordo ou um desacordo” entre as partes presentes no ato enunciativo.

É nesse interim, entre o Eu, o Tu e a enunciação; que as práticas da linguagem se fazem presentes, sejam elas orais ou escritas, formais ou informais. Sendo assim, cabe a escola conduzir os sujeitos a fazerem parte de todas as práticas, sendo capazes de atuarem nas diversas formas de comunicações presentes na sociedade.

Para Marcuschi (2001, p. 16), na sua obra “Da fala para a Escrita”, “o letramento enquanto prática social formalmente ligado ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada [...]”. Para ele a “escrita é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural”. Para o mesmo autor, a escrita é usada “em paralelo direto com a oralidade. Estes contextos são entre outros: o trabalho, a escola, o dia a dia, a família, a vida burocrática, a vida intelectual” (2001, p. 19).

Assim, buscando conceituar a oralidade, Marcuschi (2001) discorre que uma sociedade pode ser essencialmente oral, como é o caso das sociedades ágrafas, ou ainda, para exemplificar, temos sujeitos que não dominam a tecnologia da escrita e, mesmo assim, consegue se comunicar por meio da oralidade. Para ele, a “língua seja na sua modalidade falada ou escrita reflete a organização da sociedade (2001, p.35). É bem verdade que a escrita, na atualidade, se sobrepõe a oralidade em muitas situações comunicativas, haja vista há gêneros escritos que são mais valorados que os orais. Além disso, são poucos os enunciados formais que requerem o uso da oralidade no dia a dia, muito embora a fala seja muito mais usada do que a escrita, porém em situações comunicativas rotineiras que não exigem a formalidade da língua. Talvez este seja o motivo da preferência pelos gêneros escritos do que os gêneros orais, nos espaços escolares.

Dito isso, é fato que antes mesmo de chegar à escola, as crianças já têm muito contato com a língua oral, nesse sentido, ela é “um indivíduo em processo constante de constituição da subjetividade e conhecedor da língua materna tanto da língua falada como na escrita” (Gomes; Morais, 2013, p. 16). Nessa mesma direção, Schneuwly e Dolz (2004) chama a atenção para o repertório oral da criança, quando esta chega à escola, percebemos uma interação com seus colegas ao conversar sobre sua família, discutir problemas do seu cotidiano, solicitar informações quando necessário. Assim vivencia a oralidade desde as rotinas cotidianas aos momentos de leitura e correção de atividades, mas a linguagem oral ainda não é devidamente explorada na aquisição de novos conhecimentos.

Posto isso, acreditamos ser de fundamental importância que o ensino da oralidade não deve ser confundido com o ato de ensinar a falar, pois existe uma diferença entre fala e oralidade. No caso das crianças ouvintes é na esfera social que a criança aprende as estruturas da fala, mas, é a partir do desenvolvimento da criança que ela será orientada a

utilizar a fala e seus modos em diversos contextos formais e informais (Crescitelli, Reis, 2011).

Sobre esse aspecto, Ávila-Nóbrega (2020) chama a atenção para que a escola promova um ambiente encorajador, onde as crianças se expressem livremente ou também de forma monitorada e orientada, possibilitando as diversas formas de interação e conversa com colegas de outras idades e os adultos que fazem parte do seu convívio (Ávila-Nóbrega, 2020). Sobre o papel da escola em criar situações de escuta e fala Bizotto, Aroeira, Porto, (2010, p. 57) nos lembram:

Para serem desenvolvidas as habilidades de escuta e fala, são necessárias conversas dirigidas em sala de aula, mas é preciso criar regras para que as conversas ocorram sem atropelos, preservando-se, contudo, a naturalidade da participação. E isso se consegue com exemplificação, e não com instruções formais. (Bizotto, Aroeira, Porto, 2010, p. 57)

Porém, a realidade do currículo e das práticas pedagógicas escolares têm dado ênfase unicamente as habilidades de leitura e escrita, enquanto a linguagem oral tem ficado em segundo plano. Isto ocorre devido ao entendimento de que “os usos orais da língua estão tão ligados a todos nós que nem precisam ser matéria em sala de aula” (Marcuschi, 2001, p.19).

Desse modo, faz-se necessário repensar as práticas escolares com as modalidades da língua oral ou escrita. Neste contexto a escola deve proporcionar atividades que favoreçam o desenvolvimento da linguagem da criança, de forma bem planejada e orientada por metas traçadas para que o objetivo X seja alcançado. Além de compreender que oralidade e escrita se complementam, conforme nos lembra Cavalcante e Marcuschi (2007, p.128), “a fala e a escrita são atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais”.

Para isso, existem orientações presentes nos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira, refletindo em práticas mais inclusivas e pensadas para as demandas da sociedade contemporânea. As propostas apresentadas nesses documentos enfatizam que o professor deve partir do que o aluno já traz para a escola, do seu lugar social, e apresentá-lo a outros gêneros que o possibilitem trabalhar com a diversidade das práticas letradas.

No próximo tópico abordaremos como os documentos oficiais enfatizam o trabalho da oralidade na educação básica para os anos iniciais.

2.1 ORALIDADE: ORIENTAÇÕES PROPOSTAS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Dados divulgados pela “Todos pela Educação” (organização da sociedade civil sem fins lucrativos), em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que o percentual de crianças entre seis e sete anos que não sabem ler e escrever aumentou em torno de 66,3% entre os anos de 2019 a 2021. Uma das causas pode ser o efeito agravado pela pandemia de Covid-19 na educação brasileira, ou seja, 2,4 milhões de crianças brasileiras ainda não estão devidamente alfabetizadas nessa faixa etária.

Após muitos esforços das políticas públicas, com estratégias para recomposição das aprendizagens, e intenso compromisso dos profissionais da educação, este cenário tem sido modificado. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2023, 56% das crianças brasileiras alcançaram a alfabetização até o 2º ano do ensino fundamental. Nesse sentido, continuar fomentando a aprendizagem na idade certa deve ser um compromisso de todos, uma vez que os documentos oficiais já asseguram há algumas décadas a garantia de direitos de aprendizagem para os estudantes da educação básica.

Os PCNs, para o ensino fundamental I, publicado em 1997, já traziam as orientações para considerar o aluno o quanto ser social e agente da sua aprendizagem, norteando o currículo do ensino da língua materna a partir do texto, como o centro do processo. Dessa forma, passou-se a negar o ensino pautado em regras, assim constitui-se como um importante referencial para redefinição dos currículos nas escolas brasileiras. Ao mencionar a modalidade da língua oral como um conteúdo a ser ministrado na escola, este documento enfatiza que é necessário um planejamento eficiente de modo a garantir atividades de fala, escuta e reflexão sobre a língua no ambiente da sala de aula (Brasil, 1997). “É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam de demais áreas do conhecimento” (Brasil, 1997, p. 39).

A respeito dessa questão, Carvalho e Ferrarezi (2018) enfatiza a importância do planejamento de atividades cotidianas com a modalidade da língua oral, pois a criança vai ganhando autonomia em sua capacidade de expressão a partir das vivências em sala

de aula. Desta forma, o estudante ao longo dos anos escolares experienciará “situações de oralidade mais formais, mais exigentes e mais intensas, até o ponto em que ele se sinta competente para falar e/ou ouvir de forma crítica e reflexiva em qualquer situação de comunicação” (Carvalho; Ferrarezi, 2018, p.26).

Outro importante documento que trata dessa questão são “os direitos de aprendizagem do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)”, construído com uma equipe de pesquisadores nacionais, professores da educação básica e sociedade. Por meio da discussão em seminários com as redes de ensino, consideram a aprendizagem como um direito humano. Este documento nos possibilita refletir sobre habilidades e competências necessárias ao processo de aprendizagens essenciais ao ciclo de alfabetização. O ensino de línguas nesse contexto visa práticas com leitura, escrita e oralidade. Cavalcante; Ávila-Nóbrega; Brandão (2022) trazem as seguintes considerações:

Nas práticas de ensino de Língua Portuguesa a oralidade tem sido alvo de muitas discussões no contexto atual, uma vez que, durante muito tempo, essa modalidade da língua vem sendo preterida nas práticas pedagógicas, ou seja, considerada sem relevância na organização das atividades didático-escolares, dando lugar ao ensino da escrita e da leitura (Cavalcante; Ávila-Nóbrega; Brandão, 2022, p. 131).

Os direitos de aprendizagem em Língua Portuguesa estão divididos por eixos e compõem os cadernos de formação do PNAIC, com o intuito de orientar o trabalho pedagógico docente no que se refere ao planejamento de aulas, avaliação e conteúdos ministrados. Os cadernos de formatação do PNAIC apresenta as cinco dimensões da oralidade compostas por: valorização dos textos originados da tradição oral, oralização do texto escrito, relação entre fala e escrita, produção e compreensão dos gêneros orais e a relação entre oralidade e análise linguística (Brasil, 2012).

Os autores Cavalcante; Ávila-Nóbrega; Brandão (2022) ressaltam a relevância dessa importante política de formação continuada, realizada no âmbito do PNAIC e destacam:

A oralidade na sala de aula no contexto do PNAIC é um eixo ainda por ser trabalhado efetivamente. Na construção do fazer pedagógico e na emergência da consolidação de práticas letradas em leitura e escrita, a oralidade está na escola, mas não como objeto de ensino-aprendizagem (Cavalcante; Ávila Nóbrega; Brandão, 2022, p. 141).

Atualmente há um esforço na formulação dos currículos das escolas brasileiras para atender as orientações desses documentos, como também da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). No artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação /LDB (Lei Nº 9.394/96) já encontramos as orientações sobre ter um base nacional comum na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas dos sistemas e redes de ensino das escolas públicas e privadas do país. A BNCC (2018), nesse contexto, se configura como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2018, p. 07).

O presente documento aborda ainda a aprendizagem por meio do desenvolvimento de competências e habilidades, como se percebe no fragmento a seguir:

Na BNCC competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 08).

A BNCC (2018) aborda as práticas de linguagem em situação oral da seguinte forma:

Aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (Brasil, 2018, p.78).

Assim, este documento destaca que o professor deve promover práticas intencionais com oralidade para além da roda de conversa, ou seja, colocar o aluno na posição de sujeito ativo, ampliando sua competência de contestar, contrapor-se e dialogar com seus pares em contextos diversos. “A oralidade vista dessa forma, não é aprendida naturalmente ou por intuição, mas sobretudo, através de estratégias didáticas e metodológicas bem planejadas” (Cavalcante; Ávila-Nóbrega; Brandão; 2022, p. 132).

A criança, quando inicia a vida escolar, traz consigo uma riqueza em seu repertório oral, mas ela ainda não domina de forma proficiente as habilidades da oralidade. Assim a escola tem a missão de desenvolver um conjunto de habilidades com a modalidade oral da língua. Para isso, o planejamento fará a diferença na implementação

de objetivos condizentes com os níveis e necessidades das crianças em atividades que contemplam o ensino progressivo da oralidade. Vejamos o que Carvalho; Ferrarezi (2018) afirmam com relação aos objetivos e grupo de habilidades no avanço da competência comunicativa:

QUADRO 3 - PROGRESSIVIDADE NO ENSINO DA ORALIDADE

Progressividade no Ensino da Oralidade				
Complexidade ao longo dos anos escolares	Objetivo 1	Objetivo 2	Objetivo 3	Objetivo 4
<p>Menos formal (mais coloquial)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Mais formal</p>	Ouvir a linguagem oral com eficácia em quaisquer gêneros e situações sociais.	Usar a linguagem oral com eficácia (falar) em quaisquer gêneros e situações sociais.	Compreender e interpretar criticamente o que se ouvi, inclusive sendo capaz de perceber as intenções dos usos sociais da linguagem oral e seus usuários.	Saber adequar-se pronta e flexivelmente, sem qualquer forma de preconceito, aos mais diferentes usos da linguagem oral em ambiente social (uso complexo de recursos como entonação, dicção, postura, léxico adequado, etc.)

Fonte: Carvalho e Ferrarezi (2018, p. 73)

Conforme o quadro 3, o estudo da língua oral deve se fazer presente no cotidiano da escola logo nos primeiros anos de escolarização da criança, atendendo aos objetivos mais próximos de sua vivência e, assim, no decorrer dos anos escolares as suas experiências com oralidade irão se expandir em práticas informais e formais. No entanto, precisamos repensar o currículo da escola, pois as “competências comunicativas são das coisas mais complexas que o ser humano aprende ao longo da vida, não conseguimos construí-la com uma aula por ano” (Carvalho; Ferrarezi, 2018, p. 73).

Ao repensar o currículo das instituições escolares, na reflexão dos espaços dedicados a ouvir, falar, ler e escrever; devemos levar em consideração o tratamento dado às práticas orais na BNCC (2018):

TABELA 1 -TRATAMENTO DAS PRÁTICAS ORAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

TRATAMENTO DAS PRÁTICAS ORAIS	
Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana.	Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemióse.
Compreensão de textos orais	Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
Produção de textos orais	Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao <i>redesign</i> , à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.
Compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos.	Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.
Relação entre fala e escrita	Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros

Fonte: BNCC (2018, p.79)

O quadro acima esclarece sobre a dimensão das práticas de linguagem na BNCC (2018,) envolvendo aspectos da leitura/escuta, produção de textos orais, escritos e multissemióticos. Dessa maneira, faz necessário refletir sobre as práticas metodológicas do ensino da oralidade em sala de aula à luz da BNCC. Dito de outro modo, o trabalho com oralidade é responsabilidade da escola e carece ser incluído no planejamento docente, de modo que os pais e os profissionais da educação (gestores, supervisores e

orientadores) compreendam que as habilidades de ouvir e falar são conteúdos linguísticos assegurados por lei (Carvalho; Ferrarezi, 2018).

Com a implementação da BNCC (2018) houve a exigência de uma reformulação nas Propostas Curriculares de estados e municípios brasileiros. Atendendo a essas premissas, a Proposta Curricular do Estado da Paraíba foi construída com a colaboração de vários profissionais da educação, pesquisadores das universidades públicas e movimentos sociais. Estes profissionais também se propuseram a “recuperar, revisar e sistematizar os documentos curriculares anteriores, bem como publicações e diagnósticos já existentes, além do levantamento e análise dos resultados de projetos e iniciativas anteriormente realizadas” (Paraíba, 2018, p.13).

A questão do currículo em Língua Portuguesa para o ciclo de alfabetização, apresentada na Proposta Curricular da Paraíba, leva em consideração as habilidades da BNCC, em consonância com os Direitos de Aprendizagem do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). No quadro abaixo verificamos o eixo da oralidade com as habilidades, conteúdos e objetivos de aprendizagem:

QUADRO 4 - EIXO DA ORALIDADE NA PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DA PARAÍBA

Objetivos de aprendizagem	Conteúdos	Habilidades
Eixo oralidade		
Interagir e respeitar a diversidade de formas de expressão oral em diversos contextos sociais;	Estratégias de oralidade através do trabalho com textos do universo oral;	EF12LP06
Participar de atividades que dependam da escuta e compreensão de gêneros textuais/discursivos da oralidade;	Modalidade oral (formal e informal);	EF12LP06 EF01LP19
Compreender, planejar e produzir gêneros orais distintos, com finalidades diversas e em diferentes contextos de produção, identificando as especificidades de cada texto;	Elementos coesivos de continuidade e sequencialidade próprios dos gêneros orais;	EF01LP23 EF12LP06 EF12LP13
Participar das interações cotidianas da sala de aula, respeitando a colocação e o momento das demais crianças;	Características da conversação espontânea;	EF01LP23 EF12LP06 EF12LP13
Planejar intervenções orais em situações públicas;	Protocolos de leitura;	EF01LP23 EF12LP06 EF12LP13
Reconhecer a diversidade linguística, respeitando e valorizando as diferenças regionais, sociais, de faixa etária, gênero entre outros;	Variação linguística;	EF12LP06 EF01LP19
Compreender a relação entre fala e escrita, relacionado a apropriação dos sistema escrito, as variantes linguísticas e os gêneros de texto/discurso;	Correspondência fonema-grafema;	EF12LP06
Conhecer, respeitar e valorizar os textos da tradição oral.	Elementos composicionais dos textos da tradição oral (cultura, identidade, saber popular entre outros).	EF12LP06 EF01LP19

Fonte: Paraíba (2018, p.87.)

Como exposto no quadro acima, observamos que a partir dos objetivos de aprendizagem são selecionados os conteúdos e habilidades a serem ministradas no 1º e 2º ano do ensino fundamental. O primeiro objetivo de aprendizagem propõe o ensino da oralidade através da interação com os textos orais que fazem parte do contexto social, de forma a promover o respeito a diversidade da língua oral. No segundo e terceiro objetivos, nota-se a importância da participação dos alunos em atividades de escuta e compreensão a partir dos gêneros orais, como também planejar e produzir com a ajuda do professor e colegas, gêneros orais considerando as diversas situações comunicativas.

No caso do quarto e quinto objetivo de aprendizagem, encontramos, mais uma vez, a relevância do planejamento e participação das interações orais do campo da vida cotidiana. O sexto objetivo apresentado na proposta curricular chama a atenção para o reconhecimento da diversidade linguística e a valorização das diferenças regionais, sociais, de gênero e idade.

Por fim, o sétimo e oitavo objetivos tratam da compreensão da relação fala/escrita e os aspectos da variação linguística, bem como o desenvolvimento práticas com textos da tradição oral. Ao concluir a análise dos objetivos de aprendizagem, mencionados na Proposta Curricular do Estado da Paraíba, percebemos que os objetivos do eixo da oralidade, alinhados a prática pedagógica, podem colaborar na superação sobre “concepções de língua, escrita e fala, e abordagens que reiteram e perpetuam mecanismos de exclusão linguísticas” (Gomes, Morais, p.21, 2013).

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

A alfabetização é uma das mais importantes fases da vida escolar da criança, ou seja, uma educação de qualidade começa nos primeiros anos com o ciclo da alfabetização. Entretanto, temos muitos relatos de professores sobre o insucesso na aprendizagem da leitura, escrita e oralidade ao final dessa fase. Dessa forma, muitos de nossos alunos chegam ao ciclo complementar sem terem consolidado adequadamente as habilidades essenciais, haja vista que boa parte desse público tem inúmeras dificuldades, como por exemplo: são pré-leitores ou leitores iniciantes, não conseguem interpretar ou produzir pequenos textos.

Desse modo, “o processo de alfabetização é também, e essencialmente, um processo de natureza linguística” (Soares, 2017, p. 23). Para a autora, a alfabetização no sentido primário do termo é especificada como aquisição do código escrito e das

habilidades de leitura/escrita, mas também tem uma natureza complexa, com muitas facetas estudadas por diversas ciências, levando em consideração os aspectos sociais e políticos que interferem no sucesso da aprendizagem escolar (Soares, 2017).

Com surgimento do termo letramento, a partir dos anos 1980, houve mudanças significativas no campo da linguagem e dos estudos educacionais. Na verdade, ao chegar à década de 80, houve o advento do construtivismo de Piaget, que inspirou, a Psicogênese da escrita de Ferreiro e Teberosky (1986). Na obra “Alfabetização a questão dos métodos” de Soares (2022), a referida autora faz um apanhado sobre a transição dos métodos tradicionais para o letramento.

Nessa obra, Soares diz que a questão dos métodos da alfabetização, no Brasil, ainda é uma pergunta sem respostas, visto que ainda há muitas “controvérsias e polêmicas”. Como conceito para o método de alfabetização, a autora entende que é “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teoria e princípios, que orientam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita que é o que comumente se denomina a alfabetização (2022, p.19)”.

Segundo Soares, a década de 80 foi caracterizada por mudanças nos métodos de ensino. A autora enfatiza que os estudos de Ferreiro (1986), inspirados na teoria piagetiana, foram de suma importância, pois trouxeram o lugar da aprendizagem para a criança, e não mais para o docente e para a escolha do método, que tendia a ser “pendular”, já que os métodos sintéticos e analíticos se alternavam. Nesses dois modelos, “o domínio do sistema de escrita é considerado condição e pré-requisito para que a criança desenvolva habilidades de uso da leitura e da escrita, lendo e produzindo textos reais [...] (Soares, 2022, p.19)”

Soares (2017, p.64) ressalta a diferença entre alfabetização e letramento ao reconhecer que:

Alfabetização entendida como aquisição do sistema convencional de escrita - distingue-se de *letramento*- entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distingue-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos.

Desta forma, observamos uma relação interdependente e indissociável entre os termos alfabetização e letramento. Atualmente, práticas alfabetizadoras enfatizam o alfabetizar/letrando, possibilitando o indivíduo letrado ler e escrever em diferentes

circunstâncias sociais, à medida em que participa e interage com seus pares em sociedade. Nesse sentido, Soares (2020, p. 21) argumenta que:

A alfabetização- a aquisição da tecnologia da escrita não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Portanto, é incumbência da escola, no processo de alfabetização, ensinar o sistema de escrita ao mesmo tempo que desenvolve aspectos inerentes a compreensão e produção de textos orais e escritos. Assim, a educação escolar em uma proposta de alfabetizar/letrando com a diversidade dos gêneros orais e escritos, possibilita a aprendizagem da língua nas práticas sociais de leitura e escrita, por meio da interação em diferentes contextos de uso, como nos lembra Soares (2017, p. 68):

Alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é, sem dúvida o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nessa etapa de escolarização, descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta, como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando em fracasso, esse reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo e competente ao mundo da escrita.

Diante do exposto, é necessário que a escola enfrente os desafios e complexidade do processo de aprendizagem das crianças no 1º e 2º ano do ensino fundamental, de forma a promover uma educação para além de codificar e decodificar o sistema linguístico. Assim, conforme Soares (1999, p.59) “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter apropriado da escrita”. Já para Rangel e Rojo (2010),

Letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados socialmente, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), em grupos sociais e comunidades diversificadas culturalmente. (Rangel; Rojo, 2010, p. 26).

Nesse sentido, ao ensinar as habilidades de leitura e escrita os professores devem incluir a formação crítica e participativa dos estudantes. Nessa concepção, “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado” (Soares, 2009, p. 47).

A partir do exposto sobre letramento e alfabetização, entendemos que o docente é parte essencial no processo da alfabetização. É a partir de suas escolhas que poderemos ter resultados exitosos ou não. Bem sabemos que já tivemos alguns avanços na educação, mas a formação docente ainda apresenta muitas lacunas sobre essa questão. Isso se dá devido às formações iniciais não atenderem completamente as exigências educacionais atuais, e nem tampouco a continuada. É bem verdade, também, que os espaços educacionais mudaram e necessita cada vez mais que este professor esteja pronto para atender a essa demanda. Mas, será que estamos? Como atender a diversidade de uma turma numerosa, com ausências que se acumulam na fragilidade da consolidação das habilidades e uma falta de estrutura que não condiz com a necessidade até mesmo inclusiva, para muitos alunos?

Como afirma Pimenta (2011), teoria e prática precisam andar atrelados, mesmo que antes venha a prática. Em algum momento, elas precisam se encontrar. Soares (2020), na obra *Alfalettrar*, dirá que é preciso ter metas e objetivos, e este professor precisa sempre estar voltando ao seu planejamento para reavaliá-lo. Soares (2022), na obra que aborda a questão dos métodos, dirá que não há apenas um método, há métodos, mas que é preciso que o professor conheça todos, até para poder escolher, visto que para que ele possa escolher, o professor precisa conhecer os métodos.

Na atualidade, o que está em voga é a perspectiva do “Alfalettrar”, proposto por Soares (2020) que tem como base o letramento, sendo indissociável da alfabetização, pois ambos acontecem concomitantemente. Sendo assim, alfabetiza-se letrando.

Assim, a partir da ação reflexiva, Soares (2020) aponta a necessidade do planejamento para a prática do “alfalettrar”, do alfabetizar letrando, em que ela parte da experiência de suas pesquisas, no município de Lagoa Santa-MG. Para essa autora, é preciso ensinar com métodos”, colocando no centro a criança, e como “ela aprende, para só daí, orientar “como vou ensinar” (2020, p.290).

Isso significa dizer que este docente, em sua ação -reflexão-ação, precisa entender qual o universo da criança e suas necessidades, para a partir daí traçar suas metas e objetivos. Nesse sentido, Soares (2020, p.301) diz que: “para planejar sua ação pedagógica orientando-se pela continuidade das metas e a integração daquelas que são atribuídas ao ano pelo qual você ficou responsável, não planeje aula por aula, [...]”. Dessa forma, o planejamento será integrado, de forma contínua. Se pensarmos as aulas isoladas, não há como haver o que Soares nomeia de “continuidade e integração”, visto que as aulas serão segmentadas. Sendo assim, é preciso pensar o planejamento de forma

sequenciado, a partir de uma “sequência didática” organizada em momentos com uma continuidade entre os objetivos. Posto isso, Soares (2020, p.302-303) enfatiza que:

O planejamento seja organizado para uma semana ou uma quinzena, ou para um tempo necessário para estabelecer, uma sequência adequada das atividades que possibilite desenvolver as habilidades e os conhecimentos pretendidos para aquela fase do processo da aprendizagem das crianças. O texto é o eixo, porque além de representar o início e a finalidade da aprendizagem da língua escrita, possibilita o desenvolvimento de múltiplas habilidades, de forma espontânea e integrada. O desenvolvimento não se dá meta por meta, habilidade por habilidade, mas de forma contínua e integrada.

Nesse sentido, ao se trazer o texto (seja oral ou escrito) para o centro da atividade, o docente desenvolverá diferentes habilidades, porém cabe a ele direcionar suas metas e objetivos a serem atingidos. Rojo (2005) colabora com os estudos sobre letramento afirmando que: “as abordagens mais recentes dos estudos do letramento têm demonstrado uma heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua e da linguagem nas sociedades letradas”.

Dessa forma, a ação reflexiva se faz presente em sala de aula. Como já dizia Freire, sem a educação não há liberdade, não há mudança de rota, visto que muitas dessas crianças estão em meios não alfabetizados e tem apenas a escola como farol para guiá-las para um caminho mais seguro para o seu direito da educação de qualidade. Através deste caminho, a escola pode propiciar uma inserção social segura a partir da educação e do direito, simplesmente, de ser cidadão.

Portanto, é um conjunto de fatores que auxiliarão no processo da alfabetização: professor, escola, família e políticas públicas, visto que é preciso que se tenha formação adequada para formação inicial dos professores. Ainda, é necessário que a escola tenha estrutura que propicie o desenvolvimento de uma prática eficiente em todas as esferas, inclusive, de crianças atípicas e que a família seja presente e acompanhe o processo. Por fim, e de forma essencial, que o Estado viabilize todos os agentes e estrutura necessária em prol da educação com políticas públicas eficazes, trazendo a família para os espaços educacionais e fomentando o saber de qualidade.

2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS NOS ANOS INICIAIS: PARLENDA (GÊNERO DA TRADIÇÃO ORAL)

A linguagem e suas múltiplas formas fazem parte da humanidade, porém é a partir dela que as “relações sociais se estabelecem” (Bakhtin, 2016). Dito isso, retomamos tal

conceito para abordar o tema da oralidade e suas relações com os sujeitos e com as práticas de ensino. É bem verdade que, no primeiro momento, essa linguagem é exercida a partir dos sons e do toque e que, ainda no ventre materno, o bebê reage e interage com o mundo exterior.

Goulart; Mata (2016, p.45) corroboram com nosso entendimento de que “as crianças, mesmo antes do nascimento, já estão banhadas em linguagem: já são faladas, referidas, consideradas por pais, familiares, responsáveis, médicos e pessoas em geral com quem a mãe, principalmente, tem contato”. Após virem ao mundo, os sujeitos encontram uma vasta forma de linguagem, pois agora eles podem ver, sentir, ouvir com mais exatidão, além disso, vão conseguir entender e emitir enunciados.

É nesse exato momento, que a oralidade passa a fazer parte do mundo do bebê. Ele vai interagir por meio da oralidade dos sujeitos que os cercam, mas, sobretudo, também terá aos poucos, a sua oralidade desenvolvida por meio da fala. As pesquisas em a aquisição da linguagem, já nos tem revelado que a fala das crianças são carregadas de significados sobre sua “forma de aprender e pensar sobre a própria linguagem, os outros e o mundo” (Goulart; Mata 2016, p.48).

Nesse sentido, a família, que é a sua primeira instituição, vai guiando o sujeito por meio de vivências em que a oralidade se fará presente será a responsável por conduzir a aquisição oral. Dessa forma, o meio que essa criança cresce é de suma importância para o seu desenvolvimento, seja psíquico, social, ou até o modo que ela irá se encontrar diante das práticas letradas. Posto isso, aos poucos a família irá vivenciar cantigas de ninar, histórias infantis, fábulas e as brincadeiras com as parlendas. Para Schneuwly (2004, p.162):

[...] oral é objeto de avaliação e de normas sociais que estão sempre referenciadas na escrita, o que obscurece bom número de características da comunicação oral. Finalmente, ressaltamos que a comunicação oral se desenvolve não somente no plano verbal e vocal, mas também no plano gestual.

Como este trabalho se restringe ao recorte sobre como as parlendas contribuem para a aquisição da oralidade, nesse tópico, iremos nos deter a apenas a tecer comentários sobre esse gênero. Assim, as parlendas são constituídas por uma forma textual popular, que explora uma linguagem simples, que por ser um texto curto e ritmado se torna de fácil acesso para as crianças em fase de aquisição. Devido ao seu perfil, as crianças são apresentadas às parlendas antes do seu ingresso na escola.

Conforme Shneuwly, “o domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam” (2004, p. 150). Já no dizer de Marcuschi (2005, p. 35) “O trabalho com gêneros é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos, no dia a dia. Pois nada que fizemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero”.

Para Lima (2008, p. 20)

a maior mudança na capacidade das crianças para usar a linguagem como um instrumento para a solução de problemas ocorre quando elas internalizam a fala socializada aquela previamente utilizada para dirigir-se ao adulto — usando a fala como instrumento para planejar a ação. A linguagem passa, assim, a adquirir uma função intrapessoal, constituída no pensamento, além de seu uso interpessoal.

Nesse sentido, a criança passa a entender como ela pode se comunicar com outra pessoa, no caso um adulto, ou seja, ela entra no universo das experiências com a competência comunicativa da oralidade. Assim, a linguagem, segundo a autora citada, passa a ter o interpessoal, ou seja, de dentro para fora. Desta forma,

A interação social e a linguagem são fundamentais para a criança. O seu desenvolvimento cognitivo dá-se pelo processo de internalização da interação social com materiais linguísticos fornecidos pela cultura que lhe propiciam os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que lhe permite construir a interpretação do mundo real (Lima, 2008, p. 21).

De acordo com o exposto, percebe-se que a interação social se faz presente e é essencial para a vivência em sociedade, além disso, esses sistemas simbólicos, abordados por Lima (2008) possibilitam que essas representações da realidade possam criar significações, que corroborarão para a interpretação. No que tange ao uso da oralidade para a esfera pedagógica, na sala de aula, o professor organizará todo o seu planejamento a partir de um gênero x, com momentos pensados partir de objetos a serem atingidos pelos seus alunos. Para Lima (2008, p.22)

A prática pedagógica, o conhecimento do processo que o aprendiz realiza mentalmente é fundamental, pois nem sempre significa uma operação mental bem realizada. O acerto pode significar, apenas, uma resposta mecânica de memorização. Se o professor conhecer o caminho utilizado pelo aluno para chegar às soluções dos problemas, ele poderá intervir, provocar, estimular ou apoiar o aprendiz, quando ele demonstrar dificuldades num determinado ponto.

É exatamente desse lugar de escuta, observação e acolhimento do docente que a literatura oral entra como conjunto de possibilidade para fazer parte do arcabouço dos

gêneros escolhidos para o trabalho em sala de aula, já que é preciso irmos, parafraseando Marcuschi, “Da fala para a escrita” Então, nesse sentido, trazer os gêneros orais para o espaço escolar possibilita que este aluno tenha acesso a oralidade de modo planejado, pensado pedagogicamente com ações a serem atingidas. Isso se dá devido à necessidade de desenvolvermos habilidades orais que colaborem para a construção do léxico, mas, sobretudo, para que os alunos tenham acesso a outras esferas comunicativas, sejam elas orais ou escritas.

Para Cascudo (1984, *apud* Lima, 2008, p. 39)

O termo genérico (oralidade) que tanto se popularizou e consagrou, deve ser esclarecido. As formas conservadas escritas e mesmo registradas são sempre minoria, como meio de circulação oral. Assim Literatura Oral compreende dança e canto e mesmo os autos populares, conservadas pelo povo oralmente, embora conheçamos fontes impressas. Um baile popular, participando da etnografia, é literatura oral pelo canto pela coreografia, que é ensinada por quem sabe e, em percentagem altíssima, jamais foi marcada em letra de forma ou sinalação convencional (Cascudo, 1984, p.515 *apud* Lima, 2008, p.39).

Partindo desse pressuposto, a oralidade tem traços consagrados da História de um povo, e sendo assim mostra a riqueza cultural e histórica da sua origem. Assim, a literatura oral é vasta e repleta de possibilidades para a sala de aula, que contribuem com a formação leitora e cidadã dos sujeitos. Nesse sentido, no que tange à parlenda, Heylen (1987 p.13), a conceitua como sendo “um conjunto de palavras de arrumações rítmicas em forma de versos que rimam ou não. Ela se distingue dos demais versos pelas atividades que acompanha, seja jogo, brincadeiras ou movimento corporal.” Já para Lima (2008, p.40), “parlenda é um rico enunciado lúdico pedagógico que diverte, ensina pela sua forma rítmica – sonoro - motora que desenvolve as condições linguísticas e socioculturais do homem. Este texto da tradição oral é utilizado, especialmente, na fase infantil como ferramenta de interação e divertimento.”

Dessa forma, Schneuwly (2004, p.162) chama a atenção:

[...] oral é objeto de avaliação e de normas sociais que estão sempre referenciadas na escrita, o que obscurece bom número de características da comunicação oral. Finalmente, ressaltamos que a comunicação oral se desenvolve não somente no plano verbal e vocal, mas também no plano gestual.

É nesse contexto que as parlendas entram como importante instrumentos para desenvolver habilidades orais em contexto de sala de aula, nas turmas do ciclo da alfabetização Para Coelho (2010, p.79) “explorar a oralidade em sala de aula é propiciar

as ampliações de importantes habilidades”. Entendendo a parlenda como gênero textual, e, portanto, dialógico, Soares e Da Silva (2009), afirmam que: Parlendas é um gênero textual que faz parte da literatura oral e as modificações feitas por uma criança ou indivíduo passa de geração a geração e cria contribuições populares anônimas e reforça o aspecto dinâmico da cultura. (Soares; Da Silva, 2009, p.51).

Heylen (1987 *apud* Lima, 2008, p.48) assevera ainda que as parlendas são expressões do povo e como tal nascem, acontecem e se manifestam na sociedade, em todo o seu âmbito, fazendo parte dos sistemas sociais. É importante salientar que a parlenda já faz parte do universo da criança, haja vista que por ser um gênero da tradição oral, eles já as conhecem, muito antes da escola, visto que se aprende ainda, em muitos casos, no seio da família.

Compreendendo a importância de trazer a oralidade, de forma sistematizada e pedagógica para a sala de aula, a BNCC (2018, p.89) destaca que “[...] no eixo Oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais[...]”

A BNCC (2018, p.89) afirma que:

As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexo.

Nesse sentido, trazer a parlenda para a sala de aula possibilita que o professor desenvolva sua práxis em prol da oralidade a partir de um gênero simples e de fácil acesso das crianças. Assim, a parlenda se mostra uma importante ferramenta para ser explorada em sala de aula pelos seus aspectos de memorização fácil e que agrada bastante as crianças, além de ser rimática, poderá ampliar o desenvolvimento linguístico das crianças. Ainda, se detendo ao trabalho com os gêneros textuais e a parlenda, a BNCC (2018, p. 89) estipula como habilidade a ser explorada no 1º ano:

(EF01LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

(EF01LP18) Registrar, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas,

dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

EF01LP19) Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-línguas, com entonação adequada e observando as rimas. (BNCC, 2018, p.103)

E ainda,

(EF12LP07) Identificar e (re)produzir, em cantiga, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, rimas, aliterações, assonâncias, o ritmo de fala relacionado ao ritmo e à melodia das músicas e seus efeitos de sentido. (BNCC, 2018, p.105)

Assim, percebe-se a partir das habilidades, um leque de possibilidade de se explorar a oralidade a partir da parlenda, desde atividades individuais - em que o aluno pode identificar e reproduzir rimas, aliterações, assonâncias, ritmo e à melodia das músicas, - até mesmo atividades coletivas que envolvam os alunos de modo colaborativos para a construção da aprendizagem a partir de interações entre os alunos e o texto com atividades de recitação, de leitura e até dramatizações, por exemplo. Dessa forma, retomando os preceitos de Soares (2020) sobre o ato do planejar, cabe ao docente em sua prática reflexiva verificar as necessidades dos seus alunos e traçar seu planejamento a partir das metas e objetivos esperados.

No tópico destinado às análises, retomaremos a teoria aqui exposta, para confrontar com as observações realizadas em uma turma do 1º ano, em que se observou sua prática e as interações com os alunos a partir das parlendas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo abordaremos o percurso metodológico da nossa pesquisa, além de descrever o levantamento e coleta de dados realizados no espaço físico da escola. Inicialmente, realizamos uma visita a gestão escolar da instituição para esclarecer os motivos e interesses do objeto de pesquisa. Na ocasião apresentamos a documentação de autorização para o consentimento da investigação.

Assim, faremos a organização deste capítulo de modo a descrever os procedimentos metodológicos utilizados, a saber, caracterização da pesquisa, local da pesquisa, perfil da professora da sala regular, registro das observações e descrição dos instrumentos e processos de coleta de dados, por fim a apreciação dos dados coletados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho constará de uma pesquisa de natureza qualitativa e documental, a partir de reflexões e levantamento bibliográficos, buscando extrair do objeto de pesquisa os significados, percepções, e as possibilidades que estão ao alcance de serem investigadas e analisadas. De acordo com Richardson (1999, p.80):

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (Richardson, 1999, p.80).

A partir dessa concepção, a pesquisa será realizada em uma perspectiva descritiva. Logo iremos observar, descrever, e caracterizar o objeto de estudo, considerando que os estudos descritivos atendem a estas questões. Sampieri, Collado; Lúcio (2013, p.102) enfatizam que a “meta do pesquisador é descrever fenômenos, situações, contextos e eventos, ou seja, detalhar como são e como se manifestam”. Portanto, segundo os autores:

Os estudos descritivos buscam especificar as propriedades, as características e os perfis de pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou qualquer outro fenômeno que se submeta a uma análise. Ou seja, pretendem unicamente medir ou coletar informações de maneira independente ou conjunta sobre os

conceitos ou as variáveis a que se referem [...] (Sampieri, Collado; Lúcio, 2013, p.102).

No suporte teórico e na problematização da temática, utilizaremos como método a pesquisa de campo na intenção de coletar informações diretamente da realidade do objeto de estudo. De acordo com Gonçalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (Gonçalves, 2001, p. 67).

De acordo com essa visão, o “pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (Gil, 2008, p.53). Portanto, acreditamos que a escola é um espaço favorável à realização da pesquisa, uma vez que, a nossa principal inquietação é unir teoria e prática ao refletir sobre a oralidade e o gênero oral no contexto de sala de aula.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

Para o *lócus* do desenvolvimento deste trabalho teremos uma escola urbana, situada na cidade do município de Sobrado/PB, a qual atende alunos de diversas localidades da região. A referida instituição foi escolhida pois já faz parte do acompanhamento pedagógico desenvolvido pela pesquisadora na formação de professores e gestores, além de intervenções no campo da alfabetização e letramento dos alunos.

O espaço escolar possui uma estrutura ampla, prédio bem conservado, com instalações e dependências limpas e arejadas, com a possibilidade de atendimento para no máximo 35 alunos por ano/turma. Também uma diretoria, uma sala de professores, um almoxarifado, uma despensa, um laboratório de informática, uma sala de recursos multifuncionais de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma cozinha, uma biblioteca e uma sala de secretaria. Ainda, a escola também apresenta, em suas instalações, dois banheiros adequados a educação infantil, um pátio coberto, banheiros feminino e masculino adaptado a pessoa com deficiência e 5 salas de aulas que atendem o total de 175 alunos em diferentes modalidades de ensino descritas no quadro 3, a seguir:

TABELA 2 - MODALIDADES DE ENSINO NA ESCOLA CAMPO

MODALIDADES DE ENSINO OFERTADAS NA UNIDADE ESCOLAR		
Pré-escola	Pré I e II	Tarde
Ensino Fundamental (anos iniciais)	1º ao 5º ano	Manhã/Tarde
EJA	Ciclo I e II	Noite

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Em relação aos profissionais e o corpo docente que desempenham suas atividades no horário da realização da pesquisa, podemos mencionar: uma gestora administrativa, uma secretária, um assistente administrativo, um porteiro, três auxiliares de serviços gerais, uma orientadora educacional, uma professora de AEE, cinco professoras polivalentes, duas cuidadoras para alunos com deficiência.

A pesquisa foi desenvolvida nessa instituição após os documentos serem submetidos ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFPB/CEP, de acordo com a resolução 466/2012, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos. Sendo assim, esta pesquisa foi aprovada sob o parecer 6.201.141 no dia 26 de julho de 2023, verificado no anexo A. Em seguida, solicitou-se o consentimento da gestora escolar, concordando com o termo de anuência que consta no apêndice C, além da autorização para o uso de arquivos como fotos e filmagens realizadas na turma do 1º ano, apresentado no apêndice D.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os sujeitos da pesquisa compõem uma turma do 1º ano do ciclo de alfabetização, com aproximadamente 30 alunos, e a professora regente. Justifica-se a escolha desse público-alvo por fazer parte dos anos iniciais, e, por isso, professores e alunos devem vivenciar práticas que enfatizam os conhecimentos básicos em oralidade.

Na tabela 3, podemos conferir a composição atualizada dos alunos, totalizando doze crianças, pois levamos em consideração os aspectos de inclusão da pesquisa, tais como: aluno ter participado ativamente de todas as etapas da coleta de dados, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo De Assentimento Livre E Esclarecido (TALE), devidamente assinado pelos responsáveis e pelo aluno menor de

idade. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, faremos uma substituição dos seus nomes próprios pelas letras iniciais acompanhadas de um número natural.

TABELA 3 - COMPOSIÇÃO DOS ALUNOS SUJEITOS DA PESQUISA NA TURMA DO 1º ANO

Nº	LETRA INICIAL DO NOME	FAIXA ETÁRIA APROXIMADA
01	A1	7 anos
02	A2	6 anos
03	D1	7 anos
04	E1	7 anos
05	H1	6 anos
06	L1	6 anos
07	L2	6 anos
08	M1	6 anos
09	M2	6 anos
10	P1	6 anos
11	S1	7 anos
12	W1	6 anos

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Assim, como o 1º ano é a fase da alfabetização (além de fazer parte do ciclo da alfabetização juntamente com o 2º ano), os alunos devem ter a proficiência leitora e cabe nessa fase propiciar aos alunos o contato com a diversidade de gêneros textuais. A parlenda, então, se apresenta como um dos gêneros que favorecem prática com a oralidade. De acordo com Porto (2010, p.38):

O ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem (Porto, 2010, p.38).

Nesse sentido, uma prática pedagógica que promove a diversidade dos gêneros textuais deve incluir os textos da tradição oral em sala de aula, pois “os textos do nosso acervo oral estão vivos na memória popular e muitas vezes mantêm-se distantes de nossas crianças por falta de sensibilidade da escola em valorizá-los” (Lima,2008, p.48). Portanto, é notável a importância de vivências com a modalidade oral da língua, principalmente

nos anos iniciais, pois a criança encontra-se em desenvolvimento da linguagem e das competências comunicativas.

Podemos visualizar abaixo a foto da sala de aula do 1º ano do ciclo de alfabetização onde a pesquisa ocorreu, é possível identificar um espaço amplo, iluminado com mobília e organização adequada as práticas alfabetizadoras.

IMAGEM 1: ESPAÇO DA SALA DE AULA, LÓCUS DA PESQUISA DESENVOLVIDA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Apresentaremos em seguida, os instrumentos utilizados na coleta de dados da referida pesquisa, objetivando reconhecer os elementos necessários para facilitar a análise e compreensão dos dados.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Com o intuito de obter informações sociodemográficas a respeito da professora regente, tais como: idade, escolaridade, profissão, tempo de atuação no magistério, formação inicial e continuada, aplicou-se um questionário sociocultural. “A elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos” (Gil, 2008, p.116). Segundo o mesmo autor, o pesquisador deve adotar alguns cuidados básicos na elaboração e aplicação desse instrumento de coleta de dados:

- a - Devem ser incluídas perguntas relacionadas ao problema proposto;
- b - a pergunta não deve sugerir respostas;
- c - o número de perguntas deve ser limitado;

d - o questionário deve ser iniciado com as perguntas mais simples e finalizado com as mais complexas;

Após a realização do questionário atendendo as orientações previstas, ocorreu a entrevista semiestruturada com base num roteiro construído previamente contendo questões que contribuem para compreensão de nosso objeto de estudo. O foco dessas questões foi o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir de um olhar sobre a oralidade. Sobre a realização da entrevista Sampieri; Collado; Lucio (2013) recomendam a observação aos aspectos práticos, éticos e teóricos:

Práticos porque devem fazer com que a entrevista capte e mantenha a atenção e motivação do participante e que ele se sinta confortável ao conversar sobre a temática. Éticos porque o pesquisador deve pensar nas possíveis consequências que teria se o participante falasse sobre alguns aspectos do tema. E teóricos porque a finalidade do roteiro de entrevista é obter a informação necessária para compreender de maneira completa e profunda o fenômeno de estudo (Sampieri; Collado; Lucio; 2013, p. 424).

Em seguida iniciou-se o período de observação e registro das aulas. Desta forma, as filmagens realizadas na turma de 1º ano de uma escola do município de Sobrado/PB e anotações em um diário de campo se configuraram como importantes instrumentos de pesquisa. Conforme nos lembra Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.424) “ao final de cada jornada de trabalho é necessário preencher o diário de campo, no qual o pesquisador transcreve suas anotações, reflexões, pontos de vistas, conclusões preliminares” [...]. Desta forma, conseguimos uma riqueza de material para a constituição e análise de nossa pesquisa que será descrita nos próximos capítulos.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa, a garantia do sigilo das informações fornecidas, o compromisso de assegurar o anonimato, bem como o direito de suspender a participação na pesquisa a qualquer momento. Para atender o objetivo proposto, utilizou-se a técnica de coleta de dados para a observação participante, pois pretendemos conviver e interagir com os sujeitos da pesquisa, como também registrar de forma objetiva os fatos essenciais para o êxito de nosso estudo.

Conforme nos afirma Gil (2012), a observação participante ou ativa, tem um caráter de participação real nas vivências de um determinado grupo ou situação definida.

Assim, o observador assume, de certa forma, o papel de um membro do grupo. É uma técnica pela qual podemos conhecer a vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

A coleta ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2023, com foco no mês de agosto, através de visitas na escola. Assim, realizou-se um levantamento de informações através de entrevista semiestruturada, gravada em áudio por meio do celular; conversas individuais com os sujeitos da pesquisa, com o intuito de apresentar a nossa proposta de estudo além de um questionário sociodemográfico composto de perguntas como: nome, idade, formação profissional, entre outras. Assim, registramos as filmagens de uma semana de aula, na turma de 1º ano do ciclo de alfabetização, em uma escola do município de Sobrado/PB.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A partir do caminho metodológico definido e da coleta de dados concretizada, faremos a análise dos dados, por meio das informações encontradas e do referencial teórico abordado na pesquisa. Assim, iremos observar o questionário da pesquisa desenvolvido para conhecermos melhor a professora pesquisada. Na primeira parte descrevemos informações pessoais, como idade, sexo e formação. Depois buscou-se registrar elementos da formação inicial e continuada vivenciadas pela professora durante os anos de magistério.

No que se refere à entrevista semiestruturada, procuramos averiguar o entendimento da professora regente sobre o ensino com a Oralidade, as práticas planejadas com ênfase nos gêneros orais, como também as suas dificuldades no trabalho com os gêneros orais em específico: a parlenda. Investigamos ainda o seu depoimento sobre o uso do livro didático e a proposta desenvolvida com a turma de 1º ano.

A partir dos registros em vídeo das aulas ministradas e das anotações no diário de bordo foi possível analisar e selecionar as partes mais condizentes ao nosso objeto de estudo. Buscamos, portanto, descrever como a oralidade, a partir do gênero parlendas, foi explorado no contexto de produção investigado em uma turma de alfabetização.

Para compreender melhor o nosso estudo, serão descritos trechos das transcrições referentes a oralidade com o gênero parlendas, possibilitando o reconhecimento dos aspectos linguísticos (fala, gestos, pausas, tom de voz, entre outros). Para isso, faremos uso de alguns símbolos e seus significados, representados a seguir:

QUADRO 5 - SÍMBOLOS DA TRANSCRIÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS

SÍMBOLO DAS TRANSCRIÇÕES	SIGNIFICADOS
:	alongamento da vogal
[[Falas simultâneas
(())	Expressões gestual e corporal
{.}	Pausa na fala

Destarte, confrontamos os dados coletados com a teoria discutida durante a pesquisa, a saber, os documentos oficiais BNCC (2019) e Direitos de aprendizagem do PNAIC, (2012). Estes documentos deram respaldo às nossas discussões sobre a importância de práticas com a oralidade nos anos iniciais.

4 DAS OBSERVAÇÕES ÀS ANÁLISES

Neste capítulo será mostrado como ocorreram as observações e o desenvolvimento da coleta de dados da pesquisa. Sobre as observações, ocorreu de forma em que não alterasse o planejamento da rotina da professora, para que fosse possível coletar as interações mais próximas da realidade do contexto de sala de aula.

Assim, como o objetivo é compreender o espaço do trabalho com oralidade e o gênero parlenda, observamos a sequência didática da docente, durante cinco dias de aula, com a temática do gênero oral “Parlenda”, enquanto professores e alunos preparavam-se para a culminância da semana do folclore na escola campo, sem que houvesse nenhuma intervenção de nossa parte.

QUADRO 6 - REGISTRO DAS GRAVAÇÕES E DIAS DA COLETA DE DADOS

COLETA DE DADOS E REGISTRO DAS GRAVAÇÕES		
Mês/2023	Dias	Tempo de gravação
Agosto	21/08	00:43:53
	22/08	00:1h:06
	23/08	00:33:18
	24/08	00:01h:05
	25/08	00:03:10

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Foram realizados cinco encontros, conforme observamos no quadro 2, durante a semana, com gravações das aulas de Língua Portuguesa em vídeo com a câmera do celular Android. Nessas filmagens registramos momentos específicos das práticas de oralidade com o gênero oral “parlendas”. Além de outros momentos presentes na sequência didática ministrada pela professora com anotações no diário de bordo sobre a prática desenvolvida que serão detalhados posteriormente.

4.1 A PROFESSORA REGENTE: TEORIA X PRÁTICA

A docente da turma, a qual a pesquisa foi realizada, tem quarenta e nove anos de idade, é licenciada em Letras-Português, com especialização na área de Novas Tecnologias Educacionais. A profissional tem vinte e nove anos de carreira no magistério,

e boa parte dessa experiência profissional, segundo a professora, é fomentada pelas formações continuadas, a exemplo do Programa Integra Educação Paraíba, que geralmente aborda temas como: fluência em leitura, letramento e tecnologias para a educação.

Há mais de dois anos, leciona apenas com turmas do 1º ano do ciclo de alfabetização. De acordo com a professora, estar contribuindo com os anos iniciais é gratificante e é satisfatório vê a evolução da criança em sua capacidade de ler, escrever e compreender o mundo. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, iremos utilizar a sigla do nome, nesse caso da professora regente será tratada por M.S. em todos os momentos que nos reportamos a ela.

Ao realizarmos a entrevista com a professora no ambiente da sala de professores, ao final da aula, conforme previamente agendado foram feitas oito perguntas de forma direta com autorização para gravação em áudio, em que a entrevistada discorreu sobre a temática abordada. A entrevista teve duração de 08 minutos e 41 segundos.

Segue abaixo a descrição dos momentos da entrevista:

Pergunta 1- Do seu ponto de vista, em que consiste o ensino da Oralidade? Quanto a isso a professora M.S considera:

Resposta na íntegra: [...]no meu entendimento trabalhar a oralidade é fundamental, consiste em você trabalhar todo aquele campo...a questão linguística com as crianças, onde ele tem a oportunidade de falar, de fazer rimas, de se expressar, atividades simples, mas que o aluno se expresse de várias formas. (M.S., 2023).

Compreende-se a partir dessa fala que o entendimento da oralidade pela professora ainda se encontra em construção. O falar e expressar são postos em evidência, mas, ao mencionar as atividades desenvolvidas em sala de aula, ainda existe uma certa insegurança para formular a resposta. Para Leal e Gois (2012) é essencial que o professor dedique um espaço para o texto oral em sala de aula, porém ainda há pouco investimento do professor em atividades com gêneros textuais orais. Geralmente “a ausência está relacionada a clareza de que objeto é esse e como trabalhá-lo em sala de aula” (Leal; Gois, 2012, p.46).

De acordo com Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p.140) “a constituição do oral como objeto legítimo de ensino, exige, portanto, antes de tudo, um esclarecimento das práticas orais de linguagem que serão exploradas na escola”. Nesse contexto, precisamos

chamar a atenção para a figura do “professor, além de ser mediador no processo do uso da oralidade, tem, ainda, um papel acrescido: o de intérprete das falas dos alunos, por ser um parceiro mais experiente (Brasil,2014, p.43).

A partir do exposto pela professora, podemos inferir que é notável a necessidade de se trabalhar o tema com os professores em formações iniciais e continuadas de forma a compreender a modalidade da língua oral e escrita e seu desenvolvimento no ambiente escolar.

Pergunta 2- Na sua opinião deve-se trabalhar com o auxílio dos gêneros orais na escola? Por quê?

A respeito desse questionamento, a professora respondeu que considera fundamental o trabalho com os gêneros orais na escola e completou “*você está oportunizando o aluno a crescer, na maneira de falar, na linguagem, no ritmo, na expressividade, pois quando trabalha a oralidade aaa ...tem a questão de se expressar, então assim...eu acho fundamental*” (M.S., 2003, grifo nosso).

Observamos diante do comentário da professora que ela tem noção da importância das práticas com os gêneros orais na alfabetização, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem da criança, como por exemplo, a docente utiliza o termo *crescer* para demonstrar essa importância. Nesse sentido, Cavalcante e Melo (2007), no tocante à diversidade dos gêneros orais em contexto educacional, têm como ponto de partida a apresentação e o reconhecimento dessa diversidade encontrada tanto na escola, como fora dela. E, assim, levar “o aluno a refletir sobre a finalidade de cada gênero proposto, considerando os critérios característicos de cada gênero (extralinguísticos, paralinguísticos e linguísticos)” (Cavalcante; Melo,2007, p.101).

Pergunta 3- Como e com que frequência são planejadas atividades que possibilitam o desenvolvimento das habilidades orais, com foco no gênero oral, indicadas para o ciclo de alfabetização?

A professora pontuou que têm situações didáticas que exigem uma atenção específica, como por exemplo, o período do Folclore, onde as habilidades orais foram evidenciadas na utilização do gênero parlenda.

Resposta na íntegra: Éee preparar uma sequência de atividades voltadas para a questão da oralidade, como por exemplo no Folclore, trabalhamos bastante a

questão da parlenda,... eee em outras atividades quando você tem oportunidade de trabalhar... éeee música, que eu amo trabalhar música com eles na sala, brincadeiras!...tem várias brincadeiras que você pode utilizar a questão da oralidade, temos também as caixinhas, onde...eeee você possibilita eles a criarem frases e montarem textos....eeee palavra puxa-palavra...assim, uma infinidade que você pode colocar diariamente a questão da oralidade no planejamento (M.S.,2023) .

Diante do exposto, nota-se a que a professora tem a compreensão da importância da valorização dos textos provenientes da nossa tradição oral, os documentos oficiais como o PNAIC já enfatizam que “no mundo globalizado, a preservação deste repertório cultural diverso, tem na escola, um lugar privilegiado de manutenção das identidades culturais e a não destruição da memória coletiva” (Brasil,2014, p.35).

A professora menciona ainda que também explora os textos presentes na cultura oral, as brincadeiras, como recurso para desenvolvimento da oralidade. Essa ideia nos remete ao pensamento de Saraiva (2010) sobre as vivências de jogos, brinquedos e brincadeiras no espaço escolar, “a experiência lúdica da exploração da palavra é fonte para instalação da fantasia, da imaginação, da liberdade, da criatividade, sem deixar de se constituir-se em um processo de aprendizagem” (Saraiva, 2010, p.24).

No entanto, de modo geral não ficou claro como ocorre o planejamento e a frequência das atividades que estimula a oralidade. Percebemos que a professora não menciona em sua rotina, qual o espaço e tempo dedicado à progressão dos alunos nas habilidades orais, levando-nos a crer que as práticas de leitura e escrita compreendem a maior parte das atividades diárias. Podemos dizer que a ausência de um planejamento sistemático e organizado na rotina pedagógica, a partir das habilidades orais, interfere na proficiência dessas crianças com a oralidade.

Nesse contexto, Leal e Gois, (2014) nos lembra sobre o limitado espaço dedicado a fala como objeto de estudo em sala de aula, ou seja, historicamente os professores de língua materna investem didaticamente muito mais em práticas escritas, aumentando a lacuna entre a modalidade oral e escrita. Assim, no exercício de suas atividades, professor/escola podem agregar ao currículo escolar e na rotina pedagógica, o universo que permeia as práticas com oralidade, visando a superação dessa dicotomia, no entendimento que “ao conceber a oralidade como um eixo autônomo de ensino não elimina a possibilidade de enxergarmos suas relações com outros eixos de trabalho com a língua: leitura, produção de textos escritos e análise linguística” (Leal; Goes, 2012, p.17).

Pergunta 4- Que gêneros orais você explora na sua sala de aula?

Sobre essa questão a professora respondeu:

Resposta na íntegra: Um gênero que sou apaixonada é a música, trabalhar com eles é maravilhosa... ée.. também tem a poesia, que também eu sou apaixonada pela poesia, ...ééé as histórias contadas, onde eles **ouvem histórias e recontam**, temos também a criação de frases tem a oportunidade através da caixinha que vai passando ...aaa questão da produção textual, temos também parlendas, então existem inúmeros gêneros textuais que você pode utilizar na sua sala de aula (M.S., 2023).

O discurso da professora nos revela que a turma pesquisada tem algumas experiências com os gêneros orais, entre eles o destaque para música, porém não fica evidente como ocorre a escolha e temas das músicas a serem trabalhadas visando uma proposta com oralidade. Seria interessante para esta sala de aula um trabalho coletivo na construção de um repertório de músicas da preferência das crianças. Nesse sentido a música é uma das atividades com oralidade favoritas das crianças, principalmente se as músicas são escolhidas por elas nessa atividade muitas experiências são consolidadas, pois explora-se a audição em si, compreensão, interpretação e ainda o diálogo e debate (Carvalho; Ferrarezi, 2018).

Ao trabalhar com música, o professor precisa ficar atento à letra, melodia e harmonia de fácil comunicabilidade. Também deve estimular a sensibilidade das crianças para o ritmo, entonação, timbre, no reconhecimento de sua influência no emocional do indivíduo. Assim, a música é um importante recurso para vivências com o texto oral, ao explorar o vocabulário e a pronúncia das palavras (Chaer; Guimarães, 2012).

A maneira como a professora expressa a prática com os gêneros orais, reflete que ainda há uma lacuna de saberes inerentes a modalidade oral da língua. Observa-se que ao responder à pergunta da pesquisadora, a docente acaba relatando vivências com a competência escrita ao mencionar as atividades de produção de frases e caixinha para produção textual.

A dimensão que abarca os textos da tradição oral (poesia, histórias contadas e parlendas), a professora reconhece que esses textos são favoráveis para a criança ampliar sua capacidade de ouvir e recontar. Convém lembrar que no ciclo de alfabetização os textos da tradição oral são objetos de brincadeiras, e estão presentes na memória coletiva da comunidade. De acordo com Araujo (2011, p.13) “brincar com eles, sabê-los, usá-los, é usar a linguagem, estar na linguagem”.

Pergunta 5: O livro didático adotado apresenta um trabalho com algum gênero oral?

Quanto a isso a professora respondeu:

Resposta na íntegra: Sim, temos a **música** ...que já utilizei com eles, já foi feita a atividade, temos a própria **parlenda**, éee eu não sei até que ponto das **receitas** ...mas a maneira que você vai preparando, vai falando eles vão lendo e se expressando em relação aaa...os ingredientes...a forma também...eu utilizo o livro, acho fundamental, mesmo que eu não consiga cem por cento do livro, diante das dificuldades que surgem, mas o máximo eu exploro,...é fundamental.. um recurso que você não pode deixar escanteado (M.S.,2023).

Encontramos nessa resposta algumas atividades propostas no livro didático com o gênero oral como música, parlendas e receitas, utilizadas pela professora com a turma pesquisada, porém seria interessante diversificar o contato dos alunos com os gêneros, visto que há a necessidade desse dinamismo que o livro didático ainda não contempla por motivos diversos. Isso nos remete às ideias de Santos, Mendonça e Cavalcante (2007, p.29) “apenas a presença da diversidade textual na sala de aula não é suficiente; é preciso trabalhar, de fato, com essa diversidade”, as autoras ainda acrescentam que o professor precisa conhecer efetivamente os gêneros textuais em suas especificidades e características próprias.

Desta forma concordamos com Dolz e Schneuwly (2004, p.64-65) “do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um *megainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referências para os aprendizes”.

Com o intuito de investigar mais detalhadamente a proposta do livro didático, realizamos a **sexta pergunta**.

Pergunta 6-Você considera a(s) propostas do Livro Didático pertinente(s)? Faz uso dela(s) na sua prática em sala de aula?

Resposta na íntegra: Sim...sim...éee eu procuro sempre usar o livro semanalmente, eu alterno e é importantíssimo...faço uso dele, acho importante, porque lá tem as atividades já todas elaboradas e todas condizentes com o cronograma, então não tem como escantear o livro (M.S.,2023).

Podemos observar acima, que a professora M.S. destaca em sua fala que faz uso da proposta do livro didático semanalmente, considerando um recurso importante em sua prática pedagógica. Sabemos que o livro didático de português, atualmente, já apresenta algumas reflexões sobre o estudo da fala e sua relação com a escrita, objetivando preparar

o aluno para expressar-se em qualquer circunstância de comunicação. Entretanto, o exposto nos permitiu constatar uma resposta genérica sobre a questão pesquisada, ou seja, não fica esclarecido como a professora ministra as aulas com a proposta do livro didático, e ainda como ela explora a oralidade com as crianças a partir desse recurso.

Sobre a proposta da oralidade geralmente encontrada nos livros didáticos, Carvalho e Ferrarezi (2018) nos lembra que podemos encontrar ausência da oralidade ou até mesmo falhas nas abordagens com a modalidade oral da língua, assim essas atividades dependem da ação proativa do professor. Portanto, é incumbência dos profissionais de educação, ao escolherem a proposta do livro didático, desenvolvê-las em contexto de sala de aula, tendo em vista todos os eixos de ensino com a língua. De acordo com Favero, Andrade e Aquino (2003, p.13) “o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis”.

Há muito a ser feito com as práticas de oralidade para além do livro didático. Nesse sentido os professores através da intencionalidade pedagógica e da pesquisa podem explorar outras facetas da língua oral. Nesse sentido Ávila-Nóbrega (2020, p.294) sugere atividades com oralidade para o ciclo de alfabetização, conforme podemos conferir abaixo:

- O debate acerca do abandono de animais
- O debate acerca dos maus tratos de animais
- O debate acerca da diferença de cor de pele dos coleguinhas
- O debate acerca do lixo jogado nas ruas, praças, praias etc.
- O relato do que fez ao chegar em casa, após a escola
- A descrição das características dos membros da família
- Entrevistas de rádio e TV
- Opinião sobre fotos nas redes sociais
- Opinião sobre fofocas entre os coleguinhas
- Argumentos sobre os cuidados com a higiene
- Argumentos sobre o consumo de frutas e legumes
- Argumentos sobre diferenças (crianças gordas e magras, altas e baixas, com deficiência, com cabelo crespo ou liso etc.)
- Opinião sobre o coleguinha que não tem tanto dinheiro para comprar roupas e lanches
- Contar como ajudou um colega a fazer atividades
- Contar o que aconteceu, quando foi visitar alguém doente etc.

Essas e tantas outras sugestões de fácil aplicação, porém de uma riqueza inquestionável com oralidade, devem se constituir no fazer docente de forma contínua e instigante para as crianças. Levando em consideração o contexto sócio/cultural da escola, onde os alunos vivenciam diariamente atividades de conhecimento e linguagem.

Pergunta 7: Em relação às práticas ministradas em sala de aula, a partir dos gêneros orais, que dificuldade você pontuaria?

Resposta na íntegra: Bom...é algo que acho...aconteceu esse ano, infelizmente faltou um ou outro livro, a questão de algumas atividades fugir da realidade do aluno, e onde eu preciso fazer as adequações, ainda há as dificuldades relacionadas a leitura...eee. Precisa de toda uma elaboração de materiais, organizar todo o material, então.... temos que planejar, não dá para apenas abrir o livro e fazer tal atividade, temos que fazer uma elaboração de atividades, não usando só o livro em si, a partir do livro você dimensionar, você preparar, você organizar materiais que possibilitem e favoreçam aaa...ooo dinâmica proposta pelo livro (M.S., 2023).

A fala da professora menciona a quantidade insuficiente de livros para atender as crianças da turma, como uma dificuldade em desenvolver práticas com o gênero oral e as vezes, a proposta apresentada no livro didático não se encontra no nível de aprendizagem da criança, assim a professora precisa elaborar adequações com outras habilidades e atividades. Observamos no discurso acima, a questão da elaboração e organização dos materiais pedagógicos, também como uma limitação da docente. Destacamos, ainda, o livro didático como recurso base utilizado em sala de aula quando mencionado aos gêneros orais.

Com base nessas considerações resultante na falta de livros e de materiais pedagógicos, pode ser utilizada a estratégia de sequência didática com os gêneros orais, levando em consideração o interesse dos alunos, na qual o professor atua como um mediador das práticas de linguagem. Neste contexto, “os alunos podem participar de situações variadas envolvendo diferentes gêneros orais, planejadas considerando suas experiências e possibilidades, seus conhecimentos prévios, a adequação do gênero à faixa etária, dentre outros aspectos” (Araujo, 2015, p.12).

Outras estratégias também podem ser utilizadas, após um conhecimento prévio do perfil das crianças, é possível ministrar práticas com intencionalidade pedagógica e explorar as questões linguísticas. Chaer e Guimarães (2012, p. 82) cita algumas estratégias que o professor pode desenvolver, como por exemplo “a participação na roda permite que as crianças aprendam olhar e a ouvir os colegas, trocando experiências e aprendendo as atitudes corretas de ouvinte e de falante.”

As autoras sugerem alternativas para trabalhar a oralidade dos alunos diariamente, como exemplo, o reconto da história que é uma excelente oportunidade para a criança enriquecer a sua linguagem, pois nessa atividade são exploradas competências de atenção,

imaginação e organização lógica do pensamento. As dramatizações contribuem para o expressar da criança e ampliação da linguagem por meio da pronúncia correta, dicção e diálogos. Outro exemplo citado é o trabalho com fantoches que são alternativas de incentivo a criação livre e espontânea da linguagem (Chaer; Guimarães, 2012).

Desta forma, é necessária uma formação docente que trata das demandas da alfabetização em uma sociedade do século XXI, cujas competências e habilidades a serem alcançadas pelo ensino, extrapolam a leitura e escrita. Os aspectos da oralidade necessitam de discussão e reconhecimento nas formações inicial e continuada dos professores, “assim, uma postura textual, discursiva e interacional da oralidade, condizentes com as questões contemporâneas, poderia ser adotada pelos docentes” (Negreiros; Boas, 2017, p.124).

Diante do exposto, Negreiros; Boas, (2017) mencionam também, uma mudança na postura do professor de modo a atuarem com confiança e transparência ao tratarem de questões da oralidade inerentes ao processo de ensino/aprendizagem. Os autores destacam algumas competências:

- a) Capacidade de adoção de princípios teóricos-metodológicos a serem seguidos na preparação de aulas de oralidade.
- b) Conhecimento textual, discursivo e interacional de práticas/gêneros textuais orais que possam ser trabalhados com determinada turma.
- c) Cumprimento de metas a serem obtidas no trabalho com os gêneros orais na escola.
- d) Montagem de materiais didáticos que sejam adequados ao trabalho com prática/gênero oral.
- e) Aplicação de metodologias, como a proposta das “sequências didáticas”, que sejam adequadas ao trabalho com o gênero escolhido.
- f) Percepção dos riscos e dos ganhos de se trabalhar sob determinada perspectiva metodológica (Negreiros; Boas, 2017, p.124)

Para compreender melhor o nosso objeto de estudo, prosseguimos **com a Pergunta 8:** O gênero oral parlenda faz parte do leque de gêneros orais com os quais trabalha na sala de aula? Em caso afirmativo, fale um pouco de seu trabalho com esse gênero?

Resposta na íntegra: Sim...faz parte sim do leque de gêneros orais que é previsto para o primeiro ano, é um gênero excepcional para você trabalhar a oralidade, a musicalidade, eeee de uma maneira lúdica, divertida, alegre, onde eles irão estar aprendendo e se divertindo ao mesmo tempo, quando você faz essa junção trabalhando a musicalidade e a oralidade, assim ... o aprendizado é maravilhoso. Eles amam fazer esse tipo de atividade, e a gente fica feliz em ver o crescimento e aprendizagem dos alunos (M.S., 2023).

De acordo com o exposto acima, podemos depreender que a professora compreende os benefícios do gênero oral (parlenda) no processo de alfabetização das crianças, reconhecendo que esse gênero da tradição oral oportuniza aos alunos o contato lúdico com a linguagem. Portanto, a professora não pormenoriza a prática com a parlenda, nem seus aspectos didáticos e metodológicos, embora nas observações das aulas registremos esses momentos de autonomia e aprendizado a partir do gênero oral.

Nesse sentido, os estudos de Lima (2008) corroboram no entendimento que a criança, através da linguagem, desenvolve a autonomia nos momentos do brincar, de socializar, e no contato com o outro adquirindo aspectos essenciais para as relações interpessoais. A partir disso, percebe que há uma ausência no trabalho com a oralidade e, como visto pelas respostas da professora, sujeito da nossa pesquisa, há um certo trabalho intuitivo, sem um planejamento respaldado nas necessidades, metas e objetivos, colaborando, assim, para a lacuna do espaço destinado a oralidade em sala de aula.

4.2 OBSERVAÇÕES E ANÁLISES REALIZADAS COM A TURMA DO PRIMEIRO ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo das observações da prática docente ocorreu durante o ano letivo de 2023, na metade do terceiro bimestre. As gravações ocorreram na mesma semana, possibilitando coletar mais de quatro horas de vídeo e áudio da sala do primeiro ano na escola campo. A carga horária das aulas de Língua Portuguesa ministrada na turma, seguem um cronograma semanal descrito no quadro 3, disponibilizado pela professora/pesquisadora:

QUADRO 7 - GRADE DE HORÁRIO / ANOS INICIAIS 2022 – MATUTINO

HORAS/DIAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7:00h às 8:00h	Língua Portuguesa				
8:00h às 9:00h	Matemática	Matemática	Ensino Religioso	Matemática	Matemática
9:15h às 10:15h	Ciências	História	Geografia	Arte	Educação Física
10:15h às 11:15h	Ciências	História	Geografia	Arte	Educação Física

Fonte: Arquivo pessoal

Observamos a presença das aulas de Língua Portuguesa em todos os dias da semana, com duração de 60 minutos. O restante da rotina é compartilhado pelos componentes curriculares: Matemática, Artes, Ensino Religioso, História, Geografia, Educação Física e Ciências. Nesse contexto, percebe-se uma carga horária exígua destinada ao componente curricular de Língua Portuguesa, defendemos que é necessário um tempo significativo, organizado e planejado, pensando a rotina no ciclo de alfabetização a contemplar um ensino sistemático das habilidades de leitura, escrita e oralidade.

Assim, é interessante ampliar - dentro da rotina escolar - uma carga horária maior para o componente curricular de Língua Portuguesa, pois o ciclo de alfabetização é um período decisivo no direito a aprendizagem na idade certa. Essa mudança impactará na qualidade da educação. Desta forma, “pensar as marcas temporais e espaciais da escola onde atuamos é fundamental para compreender os possíveis efeitos delas na formação dos alunos e no trabalho dos professores” (Gallego; Silva, 2011, p. 5).

Em se tratando das atividades observadas, o foco foi a temática do Folclore e, para isso, a professora utilizou nas aulas de Língua Portuguesa uma sequência didática que contempla o gênero oral (Parlenda). Vejamos:

QUADRO 8 - TEMAS ABORDADOS DURANTE A SEMANA DE REGISTRO

AULA	DATA	TEMA	LOCAL
Aula 1	21/08	Conhecendo Parlendas...	Sala de aula
Aula 2	22/08	Parlenda: O sapo dentro do saco	Sala de aula
Aula 3	23/08	Texto Instrucional- Peteca	Sala de aula
Aula 4	24/08	Contação de histórias	Casa da Cultura do município
Aula 5	25/08	Socialização de parlendas	Pátio da escola

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Considerando as aulas observadas, verificamos as habilidades da BNCC (2018) presentes no planejamento da professora, pertencentes ao componente curricular Língua Portuguesa:

- ✓ (EF01LP19) Recitar parlendas, quadras, quadrinhas, trava-línguas, com entonação adequada e observando as rimas.

- ✓ (EF01LP01) Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página.
- ✓ (EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização.
- ✓ (EF01LP18) Registrar, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, cantigas, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

Como se pode perceber, há a ausência da diversidade de habilidades com oralidade para o 1º ano, visto que se constatou apenas a habilidade (EF01LP19) na execução da sequência didática da professora. As demais habilidades têm como foco principal a leitura/escrita. Entretanto, durante a observação das aulas, observamos práticas com oralidade que atendem as orientações da BNCC, como por exemplo: habilidade de escuta atenta aos colegas, interação oral em contextos comunicativos, entre outras. Mas, como já dito, a professora parece não ter a consciência teórica desse trabalho, e por isso, acaba desenvolvendo as habilidades na prática, sem um alicerce sólido, pautado em um planejamento de forma consciente.

Levando em consideração os objetivos da pesquisa, nosso estudo se propõe analisar os recortes principais com oralidade e parlenda, encontrados nas aulas observadas, da seguinte forma: aula 1 “Conhecendo Parlendas”; aula 2 “Parlenda: O sapo dentro do saco”; aula 4 “Contação de histórias”; aula 5 Socialização de parlendas. As vivências da aula 3 (Texto Instrucional- Peteca), não será objeto de análise nesse momento, pois se configura como uma prática do gênero instrucional e atende a outros requisitos de pesquisa.

Sob este olhar, iremos descrever como ocorreu a ministração da aula em seus aspectos didáticos e metodológicos de acordo com a sequência didática elaborada pela professora, os registros no diário de bordo e as gravações em vídeo pela pesquisadora. Assim a partir dessas observações, poderemos evidenciar os momentos mais importantes segundo o olhar de pesquisadora, na qual a professora, ao trabalhar com o gênero oral parlenda, desenvolve a competência de oralidade nas crianças.

4.2.1 Registro das observações considerando as atividades ministradas na sala de aula do 1º ano - ciclo de alfabetização ao decorrer da observação

Durante o primeiro dia do registro dos dados, a professora iniciou a **AULA 1** com as crianças organizadas no formato da sala em U, logo em seguida a acolhida com (músicas, chamadinha, alfabeto). O que mais chamou a atenção nesse momento é que a professora estimula a aprendizagem da língua de sinais, através do alfabeto em libras com a música o “Alfabeto da Xuxa”. Em seguida, como estávamos no mês de agosto, data que se comemora o Folclore, a professora fez um levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o Folclore brasileiro, as crianças interagiram e foram colaborando com o auxílio do cartaz (Imagem 1), o qual é explorado visualmente nessa oportunidade tanto pelas crianças e professora.

IMAGEM 2: TRABALHANDO O FOLCLORE BRASILEIRO EM SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Logo após, os alunos foram apresentados a diversidades das parlendas. A professora chama a atenção dos alunos mostrando a diferença entre lendas e parlendas, pedindo aos alunos que contribuam com o conceito, pontuando as diferenças como as descritas no quadro abaixo:

Para que não haja violação do sigilo dos sujeitos dessa pesquisa, utilizamos a seguinte atribuímos letras de forma aleatória para a coluna intitulada como enunciador. Assim, M.S é a professora; M2 uma aluna; T e W mais dois alunos que participam da interação analisada.

QUADRO 9 - TRANSCRIÇÃO 1-TRECHO DA OBSERVAÇÃO DA AULA COM PARLENDAS

Turno	Enunciador	Produção de Fala	Produção Gestual
1	M.S	As parlandas são versinhos, que tem...aquele elemento que nós já estudamos?! As rimas!!!	((M.S faz uns movimentos circulares com as mãos, dá um passo para frente enquanto com a mão esquerda faz um movimento próximo a boca, com direção do olhar para a esquerda, e a mão aberta acompanhando o movimento da fala))
2	M.S	Quem sabe o que é rima?	((M.S As mãos abertas em frente ao tronco, olhar na mesma direção da cabeça))
3	W1	Eu não sei de nada...	((W1 posiciona a mão abaixo do queixo e direciona a cabeça para o alto juntamente com o olhar))
4	M2	São palavras que se combinam...	((Ainda durante a resposta, M2 olha para a M.S em seguida para a turma enquanto vocaliza a resposta))
5	M.S	Calma...calma...calma...Todo mundo vai falar...presta atenção!	((M.S fala de forma enfática, enquanto movimenta a mão direita para a frente, fecha os olhos em seguida posiciona as mãos aberta em frente do peito, solicitando a atenção das crianças))
6	M.S	As parlandas fazem parte da vida de vocês, mesmo que vocês não tenham aprendido na escola, mas estão presentes aqui (referindo-se a memória), pois vocês usam sempre.	((M.S direciona o olhar para a esquerda enquanto gesticula as mãos, que se mantém em frente ao peito, em seguida vira a cabeça e direciona o olhar para a direita, a mão esquerda aberta e a direita posicionada em cima. Logo direciona as mãos para a

			altura da cabeça, com gesto de apontar utilizando os dedos indicadores, fazendo referência a memória, enquanto M.S fala “sempre” movimenta as duas mãos em frente ao peito e olhar na mesma direção da cabeça))
7	M.S	Quem não sabe aquela parlenda do dedo?	((M.S olhar voltado para a frente e mãos abertas))
8	M.S	Que dedo é esse?! Quem sabe cantar ela?	((M.S gesticula mostrando o dedo mínimo que segura com a mão esquerda))
9	T	Dedo mindinho	((As crianças respondem na pausa entre a pergunta de M.S))

Fonte: Elaborada pela autora

No trecho em destaque, verificamos que a professora instiga as crianças no desenvolvimento da competência oral, considerando seus saberes e explorando a linguagem em suas múltiplas faces. No trecho “**M.S:** As parlendas fazem parte da vida de vocês, mesmo que vocês não tenham aprendido na escola, mas estão presentes aqui (referindo-se à memória), pois vocês usam sempre. **M.S:** Quem não sabe aquela parlenda do dedo? **M.S:** que dedo é esse?! **Crianças:** “Dedo mindinho””. A professora enfoca bem a importância dos gêneros da tradição oral, no processo de alfabetização, pois eles fazem parte do universo infantil e em algum momento, antes mesmo de chegar à escola e estudá-las de forma sistemática já constituem as experiências da infância.

A professora em seguida iniciou a oralização da parlenda com as crianças, as crianças dramatizaram e oralizaram o gênero de forma coletiva cantando:

Fragmento 1:

M.S: Dedo mindinho: segurando o dedo menor

Seu vizinho: segurando o dedo anelar

Maior de todos: segurando no indicador

Fura bolo: segurando no dedo indicador

Cata piolho: segurando no dedo polegar

M.S: Cadê o toucinho daqui? (apontado para o antebraço)

M1: O ratinho comeuuuu!!!

Depois foi apresentada às crianças outra parlenda “Hoje é Domingo”, porém as crianças não conheciam, assim a professora ficou surpresa, pois os alunos não tinham conhecimento prévio a respeito, ela mobilizou a turma oralizando:

IMAGEM 3: TEXTO 1



Fonte: Acervo da professora pesquisada

A professora também mostrou aos alunos a parlenda “Unidunitê”, muito conhecida no universo infantil, momento este em que eles se divertiram muito fazendo os gestos e oralizando o gênero em colaboração com a professora.

IMAGEM 4: TEXTO 2



Fonte: Acervo da professora pesquisada

Em seguida ocorreu uma dinâmica da “Caixa surpresa das ‘Parlendas’”. A brincadeira consistiu em retirar de dentro da caixa com a colaboração da auxiliar da turma, uma figura representando o gênero oral, assim os alunos deveriam identificar de memória e fazer a associação a parlenda correta. A partir dessa interação foram mencionadas as parlendas: “Sorvete”, “Papagaio”, “Sol”, “Quem cochicha”, “Rei capitão”, “O sapo dentro do saco”. Nota-se que esta atividade capturou a atenção dos alunos.

Desse modo, percebemos que as parlendas transmitem experiências, valores e costumes da nossa cultura, “compondo-se de um rico repertório das diferentes regiões do país. As parlendas sempre fizeram parte das brincadeiras infantis e constituem um acervo que tem atravessado séculos, enraizados nos brincos das crianças” (Afonso, 2007, p.03).

Observamos também a musicalização como um recurso na prática pedagógica. Acada parlenda exibida, as crianças produziam sons ritmados junto com a professora, adicionando palmas ou fazendo uso de um chocalho, já previamente confeccionado com a turma, ampliando, assim, o repertório e o conhecimento desse importante texto da tradição oral.

IMAGEM 5: PARLENDAS E MUSICALIZAÇÃO



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Logo após a dinâmica, a professora convidou os alunos para uma atividade da rotina diária denominada a “Palavra do dia”. Nessa ocasião foram explorados aspectos de

leitura e escrita da palavra “sapo”, verificando a forma escrita, quantidade de sílabas, letras, vogais, consoantes.

Fragmento 2:

M.S: Hoje a gente vai focar aqui...uma parlenda que todo mundo conhece, e agente vai trabalhar com o nome desse animal aqui. Qual o nome dele?

Crianças: Sapooooo

M.S: Qual a primeira letra da palavrinha sapo?

Crianças: SSSSS...

M.S: Como eu escrevo SAPO? Vamos???

Crianças: S...A...P...O

M.S: Sapo

M.S: Quantas sílabas?

M.S: SA...PO (professora bate palmas e as crianças faz a marcação das sílabas)

M.S: Vamos

Crianças: SA...PO

M.S: Quantas sílabas?

Crianças: Duas

M.S: Quantas letrinhas tem?

W1: quatroooo..

M.S: Vamos contar?

Crianças: 1, 2, 3, 4

M.S: Agora eu quero que vocês olhem para a palavrinha sapo e vejam quantas vogais tem?

Crianças: A...O

M.S: Estou perguntando a quantidade?

Crianças: duas!!!!

M.S: E quem são elas?

Crianças: A, O

M.S: E como eu chamo as outras letrinhas?

A1: Consoantesssss!!!

M.S: Quais são as consoantes?

H1: S, P

M.S: E quantas são?

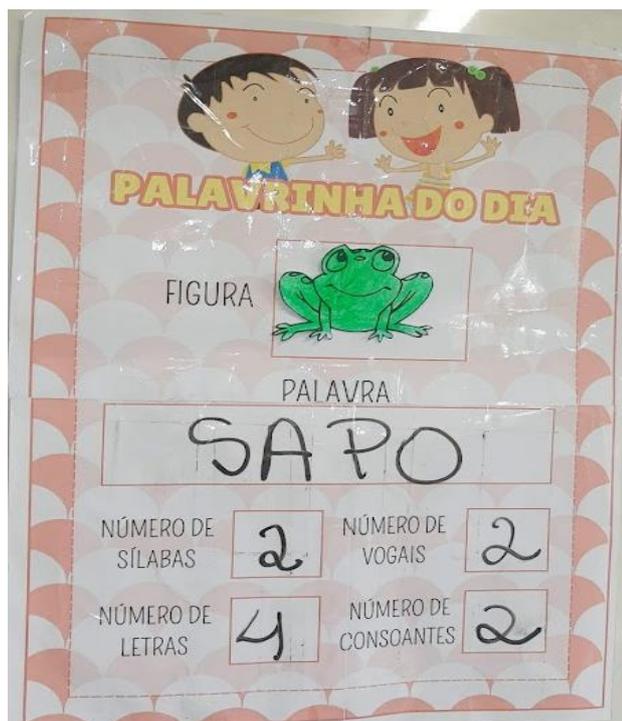
Crianças: duas!!!!

M.S: Muito bem ...

Quando verificamos a interface entre a oralidade e a escrita, é perceptível que nessa atividade a professora conseguiu didaticamente desenvolver a consciência fonêmica das crianças. No fragmento 2, a professora incentiva as crianças na contagem do número de sílabas da palavra “Sapo”, e explora a percepção fonológica através das palmas.

Assim, concordamos que no processo de alfabetização “é importante criar situações em que as crianças fiquem atentas à pauta sonora da língua e operem de maneira lúdica com unidades do sistema fonológico (Bizzoto; Aroeiras; Porto, 2010, p.94). Ao pensar o trabalho didático desenvolvido, observamos que esta habilidade não se faz presente no planejamento da professora.

IMAGEM 6: ATIVIDADE DA ROTINA DIÁRIA A “PALAVRA DO DIA”



Fonte: Arquivo Pessoal (2003)

Na continuação da aula, dentre as parlendas apresentadas, a professora apresentou a parlenda “O sapo dentro do saco” por meio de um cartaz. A partir desse gênero foi realizado vários momentos de leitura com as crianças: i) inicialmente houve a leitura individual pela professora ou leitura modelo e depois ii) uma leitura coletiva com a classe, na qual as crianças acompanharam a professora lendo a parlenda com auxílio do cartaz. Nesse contexto “o primeiro contato das crianças com a leitura se dá através da leitura auditiva” (Cagliari, 2009, p.137). Logo abaixo temos uma transcrição desse momento com a parlenda, observando a interação professor/aluno.

QUADRO 10 - TRANSCRIÇÃO 2- A PARLENDA “O SAPO DENTRO DO SACO”

Turno	Enunciador	Produção de Fala	Produção Gestual
1	M.S	Eu preciso da ajuda de vocês!	((M.S olha diretamente para a turma enquanto fala, joga o cabelo para trás))
2	M.S	Quem vai me ajudar?	((M.S Bate palma de forma pontual, olha diretamente para a turma))
3	T	Eu:	((As crianças com imagem capturadas pela câmera, respondem de forma simultânea e levantam a

			mão acima da cabeça, enquanto olham para a professora))
4	M.S	{.}	((leva a mão a frente dos lábios, representando o silêncio))
5	M.S	Bem bonito aqui...oh!!	((Mão direita fechada, olhar direcionado para a direita))
6	M.S	O sapo dentro do:	((Aponta para o cartaz, alongamento da vogal presente na última sílaba))
7	T	Saco:	((Olhar direcionado para o cartaz, onde a professora vai marcando a leitura,))
8	M.S	Olha o sapo: dentro do saco:	((Olhar direcionado para o cartaz, aponta para o material, e convoca a participação das crianças gesticulando com o indicador, alongamento da vogal presente na última sílaba))
9	M2	O saco com o sapo dentro [[((M2 olha na direção da câmera e gesticula com as duas mãos abertas, também gesticula com a cabeça para a direita e esquerda, fala simultânea de alunos e professora))
10	E1	O saco com o sapo dentro	((E1 gesticula com as duas mãos abertas, depois junta os dedos enquanto sorrir))
11	M.S	O sapo batendo papo[[((Olhar direcionado para a direita, aponta para o material com os dois dedos indicadores, fala simultânea dos alunos com a professora))
12	M2	O papo soltando vento:	((M2 olha na direção da câmera e gesticula com as duas mãos abertas, para a direita e esquerda, inclina o corpo para a frente, alongamento da vogal presente na última sílaba))

Fonte: Elaborada pela autora

Nessa transcrição, verifica-se que a professora incentiva a oralidade das crianças, convocando a participação e interesse na atividade, embora se perceba, em alguns momentos, uma ausência de retorno da turma aos questionamentos da professora, em que as próprias crianças tomam iniciativas e vivenciam o gênero com autonomia. Assim, ainda é necessário a ampliação do conhecimento na aquisição da língua nos anos iniciais da alfabetização, a partir de um trabalho bem planejado com os gêneros orais, no caso a parlenda.

Após esse momento, aos poucos a professora foi convidando as crianças individualmente para anexar as parlendas em um varal de atividades disponível em sala, ao final conseguiram construir uma coletânea de parlendas estudadas, conforme podemos verificar abaixo:

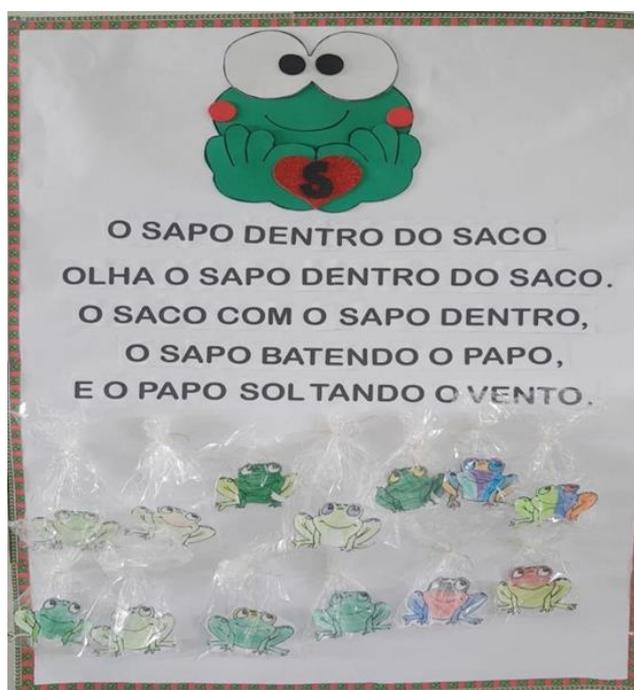
IMAGEM 7: VARAL DAS PARLENDAS



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Em seguida, houve o momento da atividade prática, a docente explicou como seria executada a tarefa, logo após as crianças pintaram e recortaram a figura de um sapinho, que foi colocado dentro de um saco plástico, simulando a ideia vivenciada com o gênero oral. Cada aluno era chamado até o quadro e anexava o material no cartaz com a ajuda da professora.

IMAGEM 8: CARTAZ DA PARLENDA UTILIZADO NA ATIVIDADE PRÁTICA



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Durante a gravação do segundo dia de observação, **AULA 2**, a professora começou com a rotina de acolhida, explorando a música “A comida Brasileira”. Logo após, a professora deu início à aula explicativa, rerepresentando o gênero oral (parlenda) e revisando os conhecimentos da aula anterior. Na ocasião houve um momento de contação de histórias sobre o folclore, iniciando com a lenda do lobisomem.

Esse momento foi estendido a pedido das crianças que solicitaram mais uma história. Desta vez foi contada utilizando o paradidático com a lenda do “Bumba meu boi”. A docente, a medida em que fazia a leitura, explorava os elementos gráficos e ao final da história envolveu as crianças com a parlenda “Boi de cara preta”.

Nessa parte, registramos mais um momento com oralidade no envolvimento das crianças ao cantar a parlenda a partir de uma imagem encontrada no livro. Nesse sentido, Afonso (2007, p. 02) argumenta que “as parlendas constituem instrumentos poderosos para iniciar as crianças nas brincadeiras com a linguagem, pois são caracteristicamente marcadas pela sonoridade, musicalidade, ritmos, pelo desafio da descoberta dos signos”. No fragmento seguinte podemos observar melhor como ocorreu essa interação entre as crianças e o gênero trabalhado.

Fragmento 2:

M.S: Agora que já mim conhece, uma música irei contar! (a professora mostrar a imagem no livro e as crianças reconhecem a parlenda “Boi de cara preta”).

M.S: Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta!

M.S: Boi, boi, boi, boi do Ceará..

H1: Não tia, é boi do Piauí!

M.S: boi, boi, boi, boi do Piauí..

Crianças: Pega essa criança que tem medo de dormir.

M.S: Mas tem também, boi, boi, boi do Ceará, pega essa criança que não para de chorar...

M1: De gritarrrr, tia!!

M.S: Apoiiii, vai pegar muita gente aqui...

A2: Tia você pode me emprestar o livro?

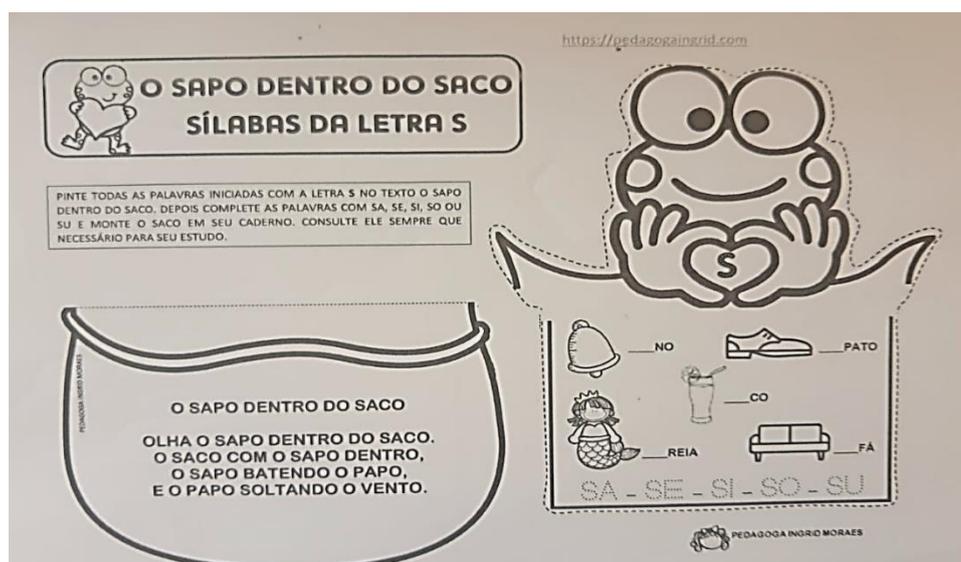
M.S: posso sim, depois...

M.S: você pode até levar para casa.

A partir do fragmento 2 percebemos que as crianças já possuem um repertório com as parlendas, e, assim, identifica esse gênero oral, trazendo também suas contribuições. Desta forma, “a língua na infância, em seu enredamento discursivo com os textos da cultura, permite a criança exercer suas experiências estéticas e literárias” (Belintanne, 2011, p.55) Em seguida, a professora convida as crianças para a retomada da aula anterior, explorando perguntas a respeito da parlenda “O sapo dentro do saco”. Logo após, ela escreve no quadro branco com a ajuda das crianças. Em um segundo momento,

a turma faz a leitura do gênero, marcando os versos através de palmas e utilização do chocalho, e algumas crianças são convidadas a virem até o quadro branco e circularem as palavras mencionadas (SAPO-SACO-PAPO-DENTRO). As parlendas “materializam-se em enunciados lúdicos e apresentam linguagem simples e atraente [...] em contato com as parlendas a criança poderá dar importantes passos em seu processo de letramento” (Gomes; Moraes, 2013, p.57). Realizou-se ainda uma atividade interativa no caderno de atividades com recorte e colagem. A professora explorou a família silábica da letra S-s escrevendo no quadro para leitura coletiva, e orienta a atividade com formação de palavras, conforme podemos verificar na imagem 6.

Imagem 9: Atividade escrita a partir da parlenda “o sapo dentro do saco”



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Imagem 10: Crianças concluindo a atividade escrita a partir da parlenda “o sapo dentro do saco”



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

A professora mobilizou a colaboração da atividade, mostrando as figuras a medida em que eles respondiam com a sílaba correta. Na ocasião, o aluno P1 lembra de uma situação do seu cotidiano com a família e relata para a classe.

Fragmento 3:

P1: Titia, titia...

M.S: Oiiii

P1: Na minha casa a minha mãe usa o sal e coloca na água... eu também gosto de suco de morango!!!

M.S: Suco de morango é ótimo...

Nesse dia, como observamos no fragmento 3, a atividade escrita com a parlenda possibilitou momentos com a oralidade, permitindo a criança referenciar situações práticas vivenciadas no meio familiar. Nesse sentido, concordamos com Busatto (2010, p.07) “o letramento também se faz por meio da oralidade”.

Ocasões como essas asseguram a participação ativa das crianças, onde na qual elas são capazes de construir seu próprio conhecimento, tanto por meio da vivência com os textos, como também da leitura e produção escrita. Sendo assim, aquisição da oralidade vai além da memorização repetidas de palavras pelas crianças, mas se concretiza em um contexto repleto de interações com adultos e outras crianças, que conversam e dialogam entre si (Vygotsky, 1996).

Nessa mesma direção, compreendemos que, nos primeiros anos escolares da criança, o letramento e a aprendizagem da escrita apoia-se nos aspectos da fala. Em contrapartida há uma lacuna sobre a proposta de letramento. Até hoje alguns “educadores ignoram o fato de que tal competência inclui também o domínio dos gêneros, da oralidade letrada” (Miranda, 2005, p.165).

Após essa reflexão, percebe-se que a professora deixou passar um importante momento de escuta e fala, quando P1 faz referência ao conteúdo da aula e suas experiências de vida, algo que poderia enriquecer ainda mais a atividade desenvolvida, conforme nos lembra Gomes; Moraes (2013):

Convém lembramos que também devemos escutar a fala das crianças, em outras palavras, os textos por elas produzidos e compartilhados. Ouvir suas respostas, suas perguntas, suas criações, suas elaborações, suas invenções, suas concatenações. Atentar para aquilo que remetem suas falas, para seus interdiscursos, para suas experiências prévias enredadas em seus comentários [...] (Gomes; Moraes, 2013, p.53).

Assim, os estudos de Lima (2008) corroboram com esse entendimento, ou seja, as “crianças expressam através dos textos da oralidade, situações importantes do seu desenvolvimento, pois desde cedo os olhos e os ouvidos estão expostos, a uma diversidade de textos orais compartilhados no seio familiar” (Lima, 2008, p.40).

Registramos ainda, no desenvolvimento dessa aula, a manipulação de parlendas pelas crianças, na qual a professora organizou uma sequência de participação, convidando os alunos até a frente da turma. O primeiro aluno escolhido foi **M1**: apresentando a parlenda “Hoje é domingo”. Embora ainda não conseguisse lê o texto convencionalmente, esforçou-se para acompanhar a professora, pois conhecia o texto de memória, utilizou um pandeiro para marcar os ritmos e movimentos da parlenda, notamos alegria e satisfação no rosto da criança pelo desempenho na atividade.

Fragmento 4:

M.S: Se não souber a parlenda, bate com o instrumento. Vamos lá?!

M.S: Hoje é domingo

M1: pede cachimbo,

M.S: o cachimbo é de ouro

M.S: bate no touro,

M.S: o touro é valente,

M1: bate na gente

M.S: a gente é fraco

M.S: cai no buraco,

M1: o buraco é fundo,

M.S: acabou-se o mundo...

M.1: acabou-se o mundoooooo...

Dentre as atividades realizadas com parlendas, percebemos a oralização do texto escrito pelas crianças com mediação da professora. Dessa forma, os aspectos prosódicos, a fala, o ritmo e entonação, foram didaticamente explorados fomentando os recursos da oralidade. “Oralizar, nessas situações, exige uma modulação especial da fala, não apenas para que o texto se torne interessante, mas, inclusive para ressaltar seus sentidos [...] por isso a oralização da escrita é uma das dimensões do eixo oralidade” (Araújo, 2015, p. 16).

Pelo exposto nas descrições das aulas e nos momentos da entrevista, a professora, mesmo com dificuldade em relatar as marcas da oralidade em sua prática, explora características da oralidade, nas repetições, no ritmo e na sonoridade das parlendas trabalhadas em sala. Para Araujo (2011, p.20) “a percepção e produção de rimas, a “observação” da emissão sonora de certas sílabas em algumas parlendas e fórmulas de escolhas, em que as palavras são naturalmente escandidas [...]”, favorecem as atividades de alfabetização e letramento.

Desta forma, as crianças são introduzidas nas habilidades de consciência fonológica de maneira contextualizada, oportunizando que a criança entenda como as letras funcionam ao formar as palavras, pré-requisito básico no avanço da competência escrita. Diante das análises apresentadas, a habilidade de consciência fonológica é fundamental para a alfabetização da criança na idade certa, pois depende de uma reflexão

das palavras e sua pauta sonora. Assim, cabe à escola intensificar suas práticas, desde a etapa final da educação infantil até o ensino fundamental (Morais; Leite, 2012).

Ao problematizar a questão, os autores defendem que a criança se familiarize com jogos de palavras e a ludicidade presente nos textos da tradição oral. Assim ela pode “ser desafiada, tendo oportunidades lúdicas e prazerosas de pensar sobre as palavras, situações nas quais refletem sobre seus segmentos sonoros” (Morais; Leite, 2012, p. 23).

Imagem 11: Registro da apresentação da parlenda “era uma bruxa, a meia noite.”



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

O interesse das crianças pelo momento de oralidade com parlendas ficou bastante evidente na interação da aluna A2. A convite da professora e auxiliada pelo aluno P1, marcando o ritmo e sonoridade através de um pandeiro, a criança fez uma excelente participação na oralização da parlenda “Era uma bruxa, a meia noite.” Vejamos no fragmento abaixo:

Fragmento 5:

A2: Era uma bruxa a meia-noite..
 M.S: Era uma bruxa a meia-noite..
 A2: Em um castelo mal-assombrado
 M.S: Com uma faca na mão!!
 M.S: Com uma faca na mão..
 A2: Passando manteiga no pãoooo...

Constatamos que o trabalho com o gênero parlenda possibilitou que a aluna A2 ampliasse a expressão oral, os aspectos da gestualidade, a capacidade de concentração e articulação no momento de fala, enquanto as demais crianças faziam uma escuta ativa do texto oral, sinalizando o ritmo por meio dos chocalhos.

Quanto à consideração, no que diz respeito os textos da tradição oral na inter-relações com oralidade e escrita, nos respaldamos nas ideias de Martins (2015) de que parlendas, quadrinhas e trava-língua são atrativos para a dimensão sonora da língua e permitem ao professor explorar as unidades fonológicas de forma oral ou acompanhada pela escrita.

Observamos também a prática da oralidade da aluna **A2** na com a parlenda de forma colaborativa entre professora e alunos, mesmo sem ainda dominar completamente as habilidades de leitura. Isso nos mostra que o gênero oral (parlenda) ao ser constituído de ritmo, repetições, sonoridade e de simples memorização “favorecem a reflexão fonológica e fonográfica, o ajuste do escrito ao oral, a pesquisa inteligente sobre as palavras escritas” (Martins, 2015, p. 17)

De acordo com as orientações do PNAIC, a valorização dos textos da tradição oral “abrangem a reflexão sobre a oralidade nas diferentes instâncias de participação social, com destaque para os textos orais que fazem parte da cultura brasileira” (Brasil, 2012, p.42). Em uma sociedade globalizada e tecnológica como a nossa, a preservação deste repertório cultural diversos tem na escola um lugar propício à manutenção das identidades culturais e a da memória coletiva (Brasil, 2012).

Dando continuidade, na observação da aula com a vivência das parlendas, registramos a participação da criança W1, que inicialmente fez a leitura da parlenda “Uni, duni, tê” em colaboração com a professora e a turma.

Fragmento 6:

M.S: Uni duni tê
 W1: Uni duni tê
 M.S: Salame mingüê
 W1: Salame mingüê
 M.S: O sorvete colorê
 W1: O escolhido foi você...
 M.S: W1 vai de novo, vai?![[
 {.}
 W1Uni duni tê
 W1: Uni duni tê
 W1: Salame mingüê
 W1: Salame mingüê
 W1: O sorvete colorê
 W1: O escolhido foi você...
 M.S: foi vocêeee!!!

A partir da análise do **fragmento 6** ficou claro que a atividade alcançou o objetivo esperado, percebemos a professora incentivando a criança W1 a efetiva participação na vivência com a parlenda. Destaca-se que logo após oralizar o texto com a professora, W1

demonstra autonomia e faz a apresentação da parlenda sozinho. Assim essa criança vai se inserindo na modalidade oral da língua.

A partir dessas interações a criança aprende a gostar de se expressar oralmente, no entendimento que também precisa ouvir o outro, ou seja, fortalece a sua segurança na oralidade e no modo de falar, “daí a importância de planejar atividades com as crianças em que as conversas envolvam gêneros diversos, para que elas ampliem suas possibilidades de viver e falar sobre a vida” (Goulart; Mata, 2016, p.55).

Imagem 12: Apresentação de parlendas pelo aluno w1



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

No último e quinto dia dos nossos registros na escola campo, ocorreu o encerramento da semana do Folclore, no qual todas as turmas foram reunidas no pátio da escola para exposição das atividades e suas apresentações. A turma do primeiro ano fez a apresentação da parlenda estudada “o sapo dentro do saco”, utilizando elementos sonoros, como pandeiros e chocalhos, de acordo com a imagem 10. Também houve exposição do material construído em sala pelos alunos em colaboração com a professora, imagem 11.

Imagem 13: Apresentação de parlendas com a turma do 1º ano no pátio da escola



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Imagem 14: Exposição dos trabalhos do 1º ano no pátio da escola



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Após a observação, percebemos que esse momento foi muito enriquecedor no desenvolvimento da competência oral das crianças, criando memórias de aprendizagem de forma lúdica e significativa. Nessa direção, compreende-se que dentro da proposta desenvolvidas pela professora com o gênero oral (parlenda), são priorizadas situações de ensino que evidenciam os aspectos lúdico e de musicalidade presente nas parlendas. Sobre o momento da apresentação das crianças, ressaltamos o desenvolvimento da oralidade

como uma habilidade que promove autonomia e ajuda a criança expressar-se cada vez melhor.

Desta forma constatamos que os textos da tradição oral, como as parlendas, são divertidos, tem ritmo, ludicidade e natureza poética, por isso são tão valiosos para as turmas de alfabetização e aprimoramento da linguagem oral da criança. “É essencial utilizá-los primordialmente e inicialmente como textos orais que são, ou seja, como manifestações que tem a voz como matéria-prima e a memória como registro, e como formas que acompanham brincadeiras” (Araujo, 2011, p.14).

Em seguida apresentaremos outras práticas com oralidade, percebidas e registradas nos momentos de observação das aulas durante a semana da coleta de dados. Desta forma descreveremos como ocorreu essas vivências com a turma do 1º ano refletindo sobre os gêneros da tradição oral e as habilidades de oralidade.

4.3 OUTROS CONTEXTOS DE ORALIDADE OBSERVADOS NA PRÁTICA DOCENTE

A turma do primeiro ano foi convidada no quarto dia da observação para uma aula de campo, com o intuito de desenvolver um momento de contação de história na Casa da Cultura, com os alunos das escolas municipais, com foco na literatura afrodescendente e indígena. Acompanhamos as crianças no percurso da escola até o local da aula de campo e percebemos muito entusiasmo e um pouco de ansiedade para a realização da atividade. Assim, eles chegaram radiantes e motivados para a contação de história.

Esse momento da atividade se realizou com a parceria da professora I.D, profissional da rede municipal, convidando os alunos para uma reflexão sobre a importância da leitura em nossas vidas. Logo após, a professora fez um levantamento do conhecimento prévio das crianças sobre a cultura indígena e começou apresentando o paradidático “A pescaria do Curumim e outros poemas indígenas”.

Fragmento 7:

I.D: Hoje nós iremos conhecer duas histórias, uma dessas histórias é sobre um indiozinho chamado Curumim. Alguém já ouviu falar esse nome?

Crianças: Simmmm....

I.D: Já ouviu falar essa palavra?

I.D: Quem já ouviu falar sabe o que significa?

Crianças: nãoooooo....

I.D: Curumim na língua indígena significa menino.

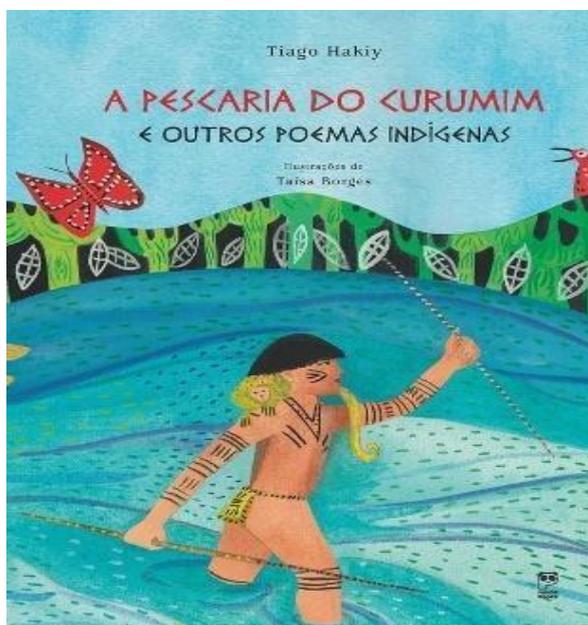
I.D: Quando vocês agora ouvir a palavra Curumim, irão saber que significa, o que??

Crianças: Meninoooo

I.D: Irei contar para vocês agora a história de um indiozinho chamado Curumim.

Após esse diálogo com as crianças, a professora I.D apresenta os elementos da capa do livro, seu autor e ilustrador, levando em consideração as inferências das crianças a partir das imagens mostradas. Logo, percebemos que as crianças conheceram mais sobre a história que seria lida em instantes. Diante da importância da contação de histórias na infância, Magalhães e Santhiago (2015, p.32) discorre que “o uso da história oral em sala de aula pode ser feito por educadores preocupados em fazer com que a história da comunidade, sua memória, suas lembranças, estejam conectadas de forma mais ampla ao cotidiano da escola e às atividades escolares.

Imagem 15: Livro abordado



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

As crianças receberam cocar e chocalhos ao término da contação da história e juntos recitaram e dramatizaram uma música da língua Guarani, que retrata a vida de um pássaro sagrado para o povo guarani.

TANGARA MIRIN, TANGARA MIRIN
NHAMANDU OUARE TAMAE TAETCHA
NHANDERU, NHANDERU, NHANDERU
TANGARA MIRIN, TANGARA MIRIN

NHAMANDU OUARE TAMAE TAETCHA
YVY DJÚ YVY DJÚ YVY DJÚ

PEQUENO TANGARÁ, PEQUENO TANGARÁ
QUANDO O SOL SE LEVANTA
CANTA E DANÇA
REVERENCIA NOSSO PRIMEIRO PAI
NOSSO PRIMEIRO PAI, NOSSO PRIMEIRO PAI

Realizamos o registro, conforme a imagem 11, das crianças participando ativamente da atividade. Neste dia, o momento da exposição do gênero oral “música” envolveu as crianças com encantamento e ludicidade. Destacamos a relevância dos professores enquanto produtores de linguagem em promover e valorizar a cultura oral. Desta forma, “dar visibilidade aos textos da tradição oral favorece a apreciação e valorização da cultura oral, do imaginário popular, da tradição poético-musical atemporal de nossa herança e tradição” (Araujo, 2011, p.14).

É válido destacar que, nessa parte da observação, registramos uma imersão das crianças na cultura, pois as professoras promoveram um resgate dos textos da tradição oral por meio da memória e dos saberes de nossos antepassados. Desta forma, Pereira (2016, p.57) comunga do nosso entendimento “tornar a cultura viva implica em promover encontros, registrar acontecimentos, criar novas linguagens, fundar experiências coletivas, aprender a ser juntos, ouvir as histórias vividas, dialogar com as palavras”.

Para Gomes e Morais (2013) esses momentos de prazer e fruição com a tradição oral é um importante recurso nas práticas de alfabetização e letramento que serão favorecidas com a familiaridade de atividades com a narração oral presentes em coletas e registros em obras da literatura infantil, nas quais as crianças podem participar de forma coletiva e efetiva. Segundo os autores, o “professor e contador de histórias podem desempenhar papéis complementares ao trabalho com os gêneros da tradição oral com as crianças” (Gomes; Morais, 2013. p.51).

Imagem 16: Aula campo realizada na casa da cultura do município - contação de histórias



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

Na segunda parte da aula houve ainda socialização com outras escolas, pausas para brincadeiras, show de talentos, algumas crianças livremente dirigiam-se até a plateia e apresentavam suas canções preferidas, experiência intensa com as práticas de oralidade na infância. Por isso, conhecer os saberes das crianças, seu modo de pensar, suas brincadeiras e experiências é fundamental para as professoras sentirem mais preparadas em selecionar os materiais e planejar atividades interessantes em que as crianças aprendem de maneira significativa (Goulart, Mata, 2016).

Para concluir os professores organizaram a entrega da sacola de leitura composta por dois livros (“A pescaria do Curumim e outros poemas indígenas”, “De passinho em passinho: Um livro para dançar e sonhar”), que foram encaminhados para casa como uma forma de levar um pouco dessa experiência, também para o meio familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar o trabalho com oralidade, sob a perspectiva da professora, como também os momentos de interação entre as crianças e as atividades com o gênero parlenda em uma turma do 1º ano do ensino fundamental. Buscou-se refletir sobre essa questão a partir dos documentos oficiais como BNCC (2018), Direitos de Aprendizagem do PNAIC (2018) e Proposta Curricular do Estado da Paraíba, entre outros. Por conseguinte, também dialogamos com os docentes acerca de um trabalho consciente com a língua oral, de modo a explorar os gêneros orais em contextos de alfabetização e letramento.

Para realizar a pesquisa, iniciamos nosso estudo com uma análise sobre os aspectos da oralidade e sua importância no ciclo de alfabetização e discutimos a respeito do conceito de oralidade, alfabetização e letramento. Apresentamos ainda as orientações mais atuais para o trabalho com oralidade em contexto escolar e aprofundamos a discussão sobre as práticas com o gênero oral (parlenda) nos anos iniciais.

Dessa forma, os estudos da Linguística e da Pedagogia nortearam nossa pesquisa, com as teorias e contribuições que pautam do uso dos gêneros como forma de estimular a oralidade em sala de aula, como por exemplo, Marcuschi (2003), Cavalcante (2007), BNCC (2018), Ávila-Nóbrega (2020), Schneuwly e Dolz (2004), PNAIC (BRASIL, 2012), Soares (2009), Faria (2010). Para embasamento das discussões sobre o gênero oral parlenda, os estudos de Soares e Da Silva (2009), Lima (2008), Heylen (1987) contribuíram significativamente na reflexão sobre esse gênero oral no ciclo de alfabetização.

Na construção do *corpus*, utilizamos a técnica de entrevista e observação da prática docente. Dessa maneira foi possível analisar o discurso da professora e suas concepções a respeito do trabalho com a oralidade e os gêneros orais nos anos iniciais. Durante a realização da pesquisa, procuramos sempre atender as nossas inquietações iniciais no sentido de compreender o seguinte questionamento: De que maneira se materializa a oralidade no gênero textual (parlenda) no 1º ano do ciclo de alfabetização? Se há um trabalho com oralidade, essa prática é desenvolvida com objetivo e intencionalidade pedagógica baseada em teorias e planejamento, ou a competência escrita ainda se sobrepõe nas vivências na turma de 1º ano.

Diante das análises apresentadas, podemos perceber que a construção da oralidade no ciclo de alfabetização, precisa considerar as práticas de letramento no trabalho que

envolva os gêneros orais e escritos, no entendimento que as modalidades da língua são indissociáveis. O ensino da oralidade vai além de aprender a falar, enquanto prática social interativa apoia-se em gêneros textuais em contextos formais e informais, além de ser um importante elemento para a compreensão das crianças sobre o ritmo da fala, entonação, gestualidade, ou seja, as múltiplas linguagens utilizadas na interação.

A legislação, ao orientar as práticas com oralidade no ciclo de alfabetização, enfatizam que o estudo da língua oral deve se fazer presente no cotidiano escolar. Nesse viés, a escola tem uma parcela de responsabilidade ao oportunizar os alunos a compreenderem as modalidades da língua e desenvolverem as habilidades de ouvir e falar, enquanto direito linguístico.

Muitos professores “ignoram a necessidade de implementar estratégias didático-metodológicas para o desenvolvimento das competências de oralidade de seus alunos, em especial daquelas ligadas a contextos mais formais de interlocução” (Leal, 2012, p.40). O espaço para oralidade na escola ainda é muito restrito aos horários de folga ou festas escolares. Por esse motivo, é essencial que, no período de alfabetização, os professores reflitam sobre a língua oral e desenvolva a competência comunicativa das crianças.

A partir de nossas observações constatamos que a oralidade está inserida na escola campo ao observar a prática docente durante a pesquisa, embora de forma intuitiva, a professora tem sido ministrada as habilidades orais na turma de 1º ano. Também identificamos que ela reconhece a importância das práticas com oralidade no ciclo de alfabetização. Porém, percebemos ainda, uma certa dificuldade no desenvolvimento de atividades com os gêneros orais, principalmente no planejamento das aulas e na rotina pedagógica, que, segundo a docente, requer um tempo maior de dedicação e preparo dos recursos didáticos, e muitas das vezes as habilidades de leitura e escrita são prioridades no processo ensino/aprendizagem.

Quanto às vivências com as parlendas, a nossa pesquisa teve um olhar singular para esse gênero. Nos propomos a uma investigação das práticas com parlendas para além da escrita, ou seja, na compreensão que as parlendas podem e devem ser ministradas no ciclo de alfabetização pensando o desenvolvimento da oralidade.

Nossos registros demonstram que essa prática se configurou como um momento de muita interação entre crianças/professora e crianças/crianças, reforçando aspectos da teoria de Bakhtin abordada em nossa pesquisa, na reflexão da natureza dialógica da linguagem. Desta forma, a sala de aula é um ambiente favorável para a interação, onde professores e alunos mediados pela linguagem constroem sua visão de mundo.

Destacamos na análise dos dados os aspectos da ludicidade, musicalidade e da pauta sonora, própria das parlendas, a qual contribui significativamente para o desenvolvimento da competência oral dos alunos. Nesse sentido que as práticas com as parlendas encantam as crianças por meio da sonoridade, ritmo, do lúdico e da brincadeira, de uma forma prazerosa e alegre através das palavras na aquisição da língua oral e escrita.

Assim, “não importa se elas ainda não conseguem entender o significado das palavras, pois a sonoridade, as rimas, a melodia expressa nessa linguagem repercutem quando vão brincar” (Afonso, 2007, p.03). Observamos, ainda, que as crianças ampliaram a sua consciência fonológica nas atividades com esse gênero oral, no reconhecimento dos sons, letras e conseqüentemente nas apresentações realizada com a turma.

Outro apontamento que consideramos importante é a contação de histórias da tradição oral realizada com a turma. O resgate desses textos faz a diferença no entendimento que somos sujeitos da cultura e produzimos cultura no cotidiano. A vivência com os textos da tradição oral possibilitou a ampliação dos conhecimentos culturais e linguísticos que fazem parte da memória do seu convívio familiar e comunitário. Nesse contexto, ao refletirmos sobre a participação do aluno nos momentos da contação de histórias, percebemos que as habilidades de oralidade foram instigadas, uma vez que eles atuaram como ouvintes ativos e coprodutores das histórias lidas.

Diante dos registros da observação da prática docente e dos objetivos que nortearam a pesquisa, consideramos que embora com algumas limitações, as práticas ministradas pela professora com a turma de primeiro ano, no tocante à oralidade, caminha em direção ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Assim, ficou claro em nossas observações que as atividades aplicadas com as crianças tiveram como culminância uma apresentação oral envolvendo professor/alunos no pátio da escola.

Em vista disso, outros estudos deverão surgir a partir de nossa pesquisa, pois dar ênfase à discussão que coloca a parlenda como um recurso para desenvolvimento da oralidade no ciclo de alfabetização, não se encerra aqui. Esperamos, ainda, que as reflexões apresentadas nesta dissertação possam contribuir com a comunidade acadêmica e a formação continuada dos professores, no compromisso de auxiliar a escola na condução da oralidade como prática social, assim como prevê os documentos oficiais da educação.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Aparecida Valentin. **Brincar com a linguagem: uma abordagem do lúdico na literatura infantil**. In: 16º Cole- Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. 16º COLE- Congresso de Leitura do Brasil- No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: UNICAMP, 2007. v. 01. Disponível em: https://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss07_08.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

ARAÚJO, Liane Castro de. **Quem os desmafa gafizar bom desmafa gafizar será: textos da tradição oral na alfabetização** Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25152329-Quem-os-desmafa-gafizar-bom-desmafa-gafizar.html>. Acesso em: 05 jan. 2024.

ARAÚJO, Liane Castro de **-Inter-relações entre oralidade e escrita no componente Curricular Língua Portuguesa –** In: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

ÁVERO, Leonor Lopes e ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira e AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez. 2000. Acesso em: 06 jul. 2024.

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. O trabalho com oralidade na alfabetização: da formação às vivências em sala de aula. *Letras*, 287–300. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148537879>. Acesso em: 04 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BIZZOTTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

CARVALHO, Robson Santos; FERRAREZI Júnior, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra.; NÓBREGA; Paulo Vinicius Ávila; BRANDÃO; Soraya Maria Barros de Almeida **Oralidade em produções acadêmicas com**

foco no PNAIC: Algumas considerações. **PNAIC nas trilhas das pesquisas: Teses e Dissertações no Brasil**. Livro eletrônico, Rio de Janeiro, 1ª ed. 2022.

CAVALCANTE, Marianne; MARCUSCHI, Beth. **Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos**. In: MARCUSCHI, L.A, A.P. Fala e escrita. 1.ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CAVALCANTE, Marianne; Melo, Cristina. **Gêneros orais na escola**. In Diversidade textual: os gêneros na sala de aula / organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça, Marianne C.B. Cavalcanti. 1.ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 136 p.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM Pergaminho, (3):71-88, nov. 2012 © Centro Universitário de Patos de Minas 2012.

COELHO, Silmara; CASTRO. Magali. **O Processo de Letramento na Educação Infantil**. PUC Minas. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

CRESCITELLI, Mercedes Cunha. REIS, Amália Salazar. **O ingresso do texto oral em sala de aula**. In: ELIAS, Vanda Maria. Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARIA, Evangelina Maria Brito. **Aquisição e desenvolvimento da língua oral: um olhar sobre a transição entre os gêneros**. In: Aquisição da linguagem e processamento linguístico: perspectiva teóricas e aplicadas. Org: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Maria Brito de Faria, Márcio Martins Leitão.-João Pessoa:Ideia/editora universitária,2011.

GALLEGO, Rita de Cassia; SILVA, Vivian Batista da. **A gestão do tempo e do espaço na escola**. Disponível em: https://midia.atp.usp.br/impressos/redefor/GestaoDiretores/Tempo_Espaco_2011_2012/Tempo_Espaco_completo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. São Paulo: Atlas, 2012.
GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação a pesquisa científica**. Campinas, SP, Alinea, 2001.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo: Cortez, 2013.

GOULART, Cecília; MATA; Adriana Santos. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016. 120 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.4

HEYLEN, Jacqueline. **Parlenda, riqueza folclórica: base para a Educação e Iniciação à Música**. São Paulo: HUCITEC/ Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional PróMemória/MINC,1987.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do Texto**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

LEAL, Telma F.; GOIS, Siane. **A oralidade na escola - A investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Grupo Autêntica, 2012. E-book. ISBN 9788582172438. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582172438/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LIMA, Maria Sonaly Machado de. **A tradição oral no processo de aquisição da leitura e da escrita: parlenda/Maria Sonaly Machado de Lima**. Dissertação João Pessoa, 2008.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. **História oral na sala de aula**. Grupo Autêntica, 2015. E-book. ISBN 9788582174302. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582174302/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: Dionísio, A.P (org). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro, 2008.

_____. Gêneros textuais1: definição e funcionalidade MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Da fala para a escrita: o tratamento da oralidade no ensino de língua**. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRANDA, Neusa Salim. **Educação da oralidade ou cala boca não morreu**. 2005, p.165. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/445/454>

MORAIS, Artur Gomes de; LEITE, Tânia Maria S.B. Rios A escrita alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam? IN Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

NEGREIROS, Gil.; BOAS, Gislaine. Vilas. **A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser trilhado**. Letras, [S. l.], n. 54, p. p. 115, 2017. DOI:

10.5902/2176148529573. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573>. Acesso em: 26 abr. 2024.

PEREIRA, Rita. **Ser criança na Educação Infantil: infância e linguagem**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016. 120 p.: il.:. 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.4

PIMENTA, Selma Garrido. A formação de professores tem..[Prefácio]. **Estágios na formação de professores: Possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão**. São Paulo: Loyola, 2011.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba. Aymarará, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo, Atlas:1999.

RIBEIRO, Raimunda Cunha. **Da oralidade a escrita: caracterizando os diários de aula como instrumento de pesquisa em educação**. Revista Educação por Escrito-PUCRS,v.3, n.2. 2012.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SARAIVA, Juracy A. **Palavras, brinquedos e brincadeiras: cultura oral na escola**. Grupo A, 2010. E-book. ISBN 9788536325071. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325071/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 129-147.

_____. **Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernández; CALLADO, Carlos Fernandez; LÚCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. 5 ed.Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS. Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. CAVALCANTE, Marianne. **Trabalhar com texto é trabalhar com gênero?** IN: Diversidade textual: os gêneros na sala de aula / organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça, Marianne C.B. Cavalcanti. 1.ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 136 p.

SOARES, Mariana Schuchter; SILVA. Tatiane Abrantes da. **Literatura oral: as parlendas e o lúdico na escola**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 3, n. 1, p. 31 - 43, jan./abr. 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4.ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. 123 p.

_____. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

_____. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2017. 384 pág.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e Oralidade na Grécia Antiga.** Tradução Raul Fiker. São Paul: Odysseus Editora, 2005.

VYGOSTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O PROJETO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O PROJETO DE PESQUISA

JAN EDSON RODRIGUES LEITE, Professor Titular do Quadro Permanente da UFPB, Coordenador do programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – João Pessoa/PB, portador do RG 1.304.727/PB /PB, declaro que estou ciente do referido projeto de pesquisa intitulado: *“O gênero parlenda no 1º ano do ciclo de alfabetização: Um olhar sobre a oralidade”*, desenvolvido pelo(a) aluno(a) do Mestrado **CRISLANI LIMA DE AMORIM - matrícula 20221015951**, sob a orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **MARIANNE CARVALHO BEZERRA CAVALCANTE**, e comprometo-me em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir integralmente os itens da Resolução 466/12, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

João Pessoa, 15 de junho de 2023.

Jan Edson Rodrigues Leite
Coordenador PROLING

APÊNDICE B - CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO PROGRAMA DE LINGUÍSTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



C E R T I D ã O

Certifico, para os devidos fins de prova, que **CRISLANI LIMA DE AMORIM**, aluno(a) regularmente matriculado(a) sob número **Mat. 20221015951**, no curso de Mestrado, teve seu projeto *“O gênero parlenda no 1º ano do ciclo de alfabetização: Um olhar sobre a oralidade”* aprovado e aceito pelo programa de Pós-Graduação em Linguística.

João Pessoa, 15 de junho de 2023.

Jan Edson Rodrigues Leite
Coordenador PROLING

APÊNDICE C - CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRADO
Secretaria de Educação
E-mail: educa.sobrado@gmail.com
Rua Manoel de Sales, 176
Tel. (83) 3661-1015

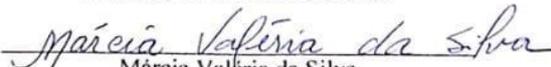
TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada: **O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE** a ser desenvolvida pela aluna **CRISLANI LIMA DE AMORIM**, do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA** do **CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof.^a **Dra Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante**.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e da Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à apresentação à direção da mesma, da **CERTIDÃO DE APROVAÇÃO (PARECER CONSUBSTANCIADO) DO PRESENTE PROJETO (PROTOCOLO DE PESQUISA), PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA QUE ANALISOU E APROVOU O MESMO**. Tudo como preconiza as Resoluções 466/12, Resolução 510/16 e a Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Sobrado, 20 de Junho de 2023.


Márcia Valéria da Silva
CPF: 854.540.874-91

06.087.889/0001-72
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Rua Manoel de Sales, S/N, Centro-Sobrado, PE.
CEP: 58.342-000/Fone: (83) 3661-1082
e-mail: educa.sobrado@gmail.com

**APÊNDICE D - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E
ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING

**MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado(a) **PARTICIPANTE DE PESQUISA,**

As pesquisadoras Crislani Lima de Amorim e Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante convidam você a participar da pesquisa intitulada “O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Esta pesquisa tem por objetivo geral: Compreender a construção da oralidade a partir do gênero textual parlenda em uma turma de 1º ano do ciclo de alfabetização no município de Sobrado/PB, e como objetivos específicos: Investigar a compreensão do docente sobre o papel da oralidade a partir das práticas com os gêneros orais indicados pela Bncc para o ciclo de alfabetização, identificar como a oralidade e os gêneros orais são trabalhados na turma de 1º ano do ensino fundamental I, a partir das orientações propostas nos documentos oficiais Bncc e Direitos de Aprendizagem do PNAIC, acompanhar as aulas com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização que tenham como foco o gênero parlandas, entrevistar os professores do ciclo de alfabetização responsável pela turma de 1º ano, em uma escola pública da rede municipal de ensino na cidade de Sobrado/PB.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicaremos um questionário sociodemográfico, realizaremos entrevistas semiestruturadas com base num roteiro construído previamente contendo questões que contribuem para compreensão de nosso objeto de estudo, o foco dessas questões será o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir de um olhar

sobre a oralidade. Outro importante instrumento de pesquisa será as filmagens realizada de forma longitudinal com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização.

Esta pesquisa oferece risco mínimo desconforto pelo tempo gasto no preenchimento do questionário, utilização de filmagem para registrar as aulas. Como medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos esclarecemos que o vídeo registrado será disponibilizado, se assim preferir, restringindo o acesso aos vídeos apenas à pesquisadora e ao participante. Como benefícios aos sujeitos pesquisados a referida pesquisa possibilitará ampliar as habilidades de leitura, escrita e oralidade, as informações coletadas fornecerão contribuições para a construção de conhecimento na área de Aquisição da Linguagem, Linguística e Educação, bem como para novos estudos a serem desenvolvidas sobre essa temática.

Solicitamos a sua colaboração para participar dessa pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo na dissertação e/ou eventos da área da linguística e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Caso necessite de maiores informações sobre o estudo, entrar em contato com a pesquisadora:

Crislani Lima de Amorim. Telefone: (83) 994447918.

Endereço (Setor de Trabalho): Secretaria Municipal de Sobrado/PB, Rua: Manoel de Sales/SN.

e-mail: crislanilima@hotmail.com

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h. Homepage:

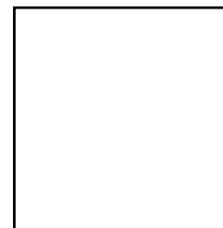
<http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, **VOCÊ**, de forma voluntária, na qualidade de **PARTICIPANTE** da pesquisa, expressa o seu **consentimento livre e esclarecido** para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

João Pessoa -PB, _____ de _____ 2023.

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa
Espaço para impressão
dactiloscópica



Erislani Lima de Amorim

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa

Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

**APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
TALE**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

(A ser utilizado pelos alunos menores de idade)

(Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE”.” desenvolvida por Crislani Lima de Amorim, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), sob a orientação do Prof. Dr.ª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.

O presente estudo tem como objetivo geral: Compreender a construção da oralidade a partir do gênero textual parlença em uma turma de 1º ano do ciclo de alfabetização no município de Sobrado/PB, e como objetivos específicos: Investigar a compreensão do docente sobre o papel da oralidade a partir das práticas com os gêneros orais indicados pela Bncc para o ciclo de alfabetização, identificar como a oralidade e os gêneros orais são trabalhados na turma de 1º ano do ensino fundamental I, a partir das orientações propostas nos documentos oficiais Bncc e Direitos de Aprendizagem do PNAIC, acompanhar as aulas com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização que tenham como foco o gênero parlenças, entrevistar os professores do ciclo de alfabetização responsável pela turma de 1º ano, em uma escola pública da rede municipal de ensino na cidade de Sobrado/PB.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que possibilitará ampliar as habilidades de leitura, escrita e oralidade em sala de aula, como também as informações coletadas fornecerão contribuições para a construção de conhecimento na área de Aquisição da Linguagem, Linguística e Educação, e para novos estudos a serem desenvolvidas sobre essa temática.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicaremos um questionário sociodemográfico, realizaremos entrevistas semiestruturadas com base num roteiro construído previamente contendo questões que contribuem para compreensão de nosso objeto de estudo, o foco dessas questões será o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir de um olhar sobre a oralidade. Outro importante instrumento de pesquisa será as filmagens realizada de forma longitudinal com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, limitado a utilização de filmagem para registrar as aulas.

Como medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos esclarecemos que o vídeo registrado será disponibilizado, se assim preferir, restringindo o acesso aos vídeos apenas à pesquisadora e ao participante, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e

traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo Assentimento assinado por mim e pelo pesquisadora responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

João Pessoa-PB, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do (a) menor

Crislani Lima de Amorim

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar a pesquisadora responsável, o CEP e a CONEP:

Pesquisadora Responsável: Crislani Lima de Amorim. Telefone: (83) 994447918.

Endereço (Setor de Trabalho): Secretaria Municipal de Sobrado/PB, Rua: Manoel de Sales/SN. CEP: 58342-000

e-mail: crislanilima@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa

APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO (A ser utilizado pelos pais/responsáveis pelos alunos menores de idade) (Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

O(A) seu(ua) filho(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “O GÊNERO PARLENDA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE”, desenvolvida por **Crislani Lima de Amorim**, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), sob a orientação do Prof. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

O presente estudo tem como objetivo geral: Compreender a construção da oralidade a partir do gênero textual parlenda em uma turma de 1º ano do ciclo de alfabetização no município de Sobrado/PB, e como objetivos específicos: Investigar a compreensão do docente sobre o papel da oralidade a partir das práticas com os gêneros orais indicados pela Bncc para o ciclo de alfabetização, identificar como a oralidade e os gêneros orais são trabalhados na turma de 1º ano do ensino fundamental I, a partir das orientações propostas nos documentos oficiais Bncc e Direitos de Aprendizagem do PNAIC, acompanhar as aulas com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização que tenham como foco o gênero parlandas, entrevistar os professores do ciclo de alfabetização responsável pela turma de 1º ano, em uma escola pública da rede municipal de ensino na cidade de Sobrado/PB.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que possibilitará ampliar as habilidades de leitura, escrita e oralidade em sala de aula, como também as informações coletadas fornecerão contribuições para a construção de conhecimento na área de Aquisição da Linguagem, Linguística e Educação, e para novos estudos a serem desenvolvidas sobre essa temática.

A participação do seu(ua) filho(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicaremos um questionário sociodemográfico, realizaremos entrevistas semiestruturadas com base num roteiro construído previamente contendo questões que contribuem para compreensão de nosso objeto de estudo, o foco dessas questões será o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir de um olhar sobre a oralidade. Outro importante instrumento de pesquisa será as filmagens realizada de forma longitudinal com a turma de 1º ano do ciclo de alfabetização.

Caso o seu(ua) filho(a) decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que os riscos da participação do(a) seu(ua) filho(a) são considerados mínimos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, limitado a utilização de filmagem para registrar as aulas.

Como medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos esclarecemos que o vídeo registrado será disponibilizado, se assim preferir, restringindo o acesso aos vídeos apenas à pesquisadora e ao participante, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Apesar disso, seu(ua) filho(a) terá assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resoluções nº. 466/2012 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pela pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

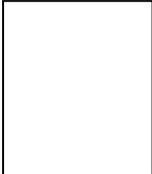
Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma via deste documento, assinada por mim e pela pesquisadora responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pela pesquisadora responsável quanto por mim.

João Pessoa-PB, ____ de _____ de 202__.

Crislani Lima de Amorim

Pesquisadora Responsável

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa


Espaço para impressão
dactiloscópica

Testemunha

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar a pesquisadora responsável, o CEP e a CONEP:

Pesquisadora Responsável: Crislani Lima de Amorim. Telefone: (83) 994447918.

Endereço (Setor de Trabalho): Secretaria Municipal de Sobrado/PB, Rua: Manoel de Sales/SN. CEP: 58342-000

e-mail: crislanilima@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: conep@saude.gov.br

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS:

a) Idade: 49

b) Sexo: Masculino () Feminino (X)

c) Formação:

- Licenciatura Plena em Letras
- novas Tecnologias Educacionais

d) Tempo de atuação Profissional

31 anos

e) Participou ou participou de Formações Continuadas? Qual ou Quais?

Inteira

f) Que temas foram mais ressaltados na(s) formação(ões)

Letramento, fluência de leitura,
Tecnologias para educação

APÊNDICE H - ROTEIRO DA ENTREVISTA**ROTEIRO DA ENTREVISTA**

DATA DA REALIZAÇÃO: _____

LOCAL: _____

HORÁRIO: _____

DURAÇÃO: _____

- 1- Do seu ponto de vista, em que consiste o ensino da Oralidade?

- 2- Na sua opinião deve-se trabalhar com o auxílio dos gêneros orais na escola? Por quê?

- 3- Como e com que frequência são planejadas atividades que possibilitam o desenvolvimento das habilidades orais, com foco no gênero oral, indicadas para o ciclo de alfabetização?

- 4- Que gêneros orais você explora na sua sala de aula?

- 5- O livro didático adotado apresenta um trabalho com algum gênero oral? Qual?

- 6- Você considera a(s) proposta do Livro Didático pertinente(s)? Faz uso dela(s) na sua prática de sala de aula?

- 7- Com relação às práticas ministradas em sala de aula, a partir dos gêneros orais, que dificuldades você pontuaria?

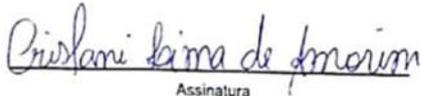
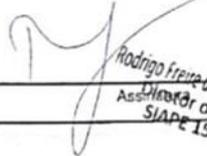
- 8- O Gênero oral parlenda faz parte do leque de gêneros orais com os quais trabalha na sala de aula? Em caso afirmativo, fale um pouco do seu trabalho com esse gênero?

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



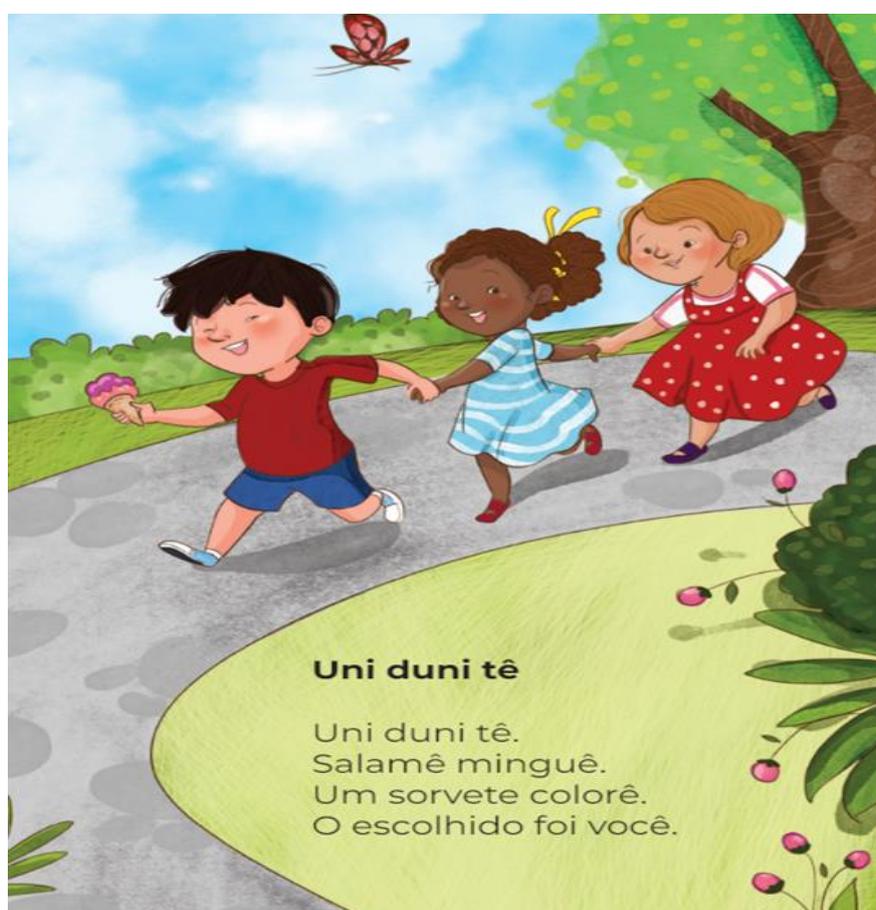
MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: O GÊNERO PARLENDIA NO 1º ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A ORALIDADE			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 31			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: CRISLANI LIMA DE AMORIM			
6. CPF: 074.036.324-78	7. Endereço (Rua, n.º): MARIA JOSE GOMES DO AMARAL ALTO DO MATEUS JOAO PESSOA PARAIBA 58090842		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 83994447918	10. Outro Telefone:	11. Email: crislanilima@hotmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: 05, 07, 2023		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal da Paraíba	13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
15. Telefone: (83) 3216-7230	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: RODRIGO FREIRE DE C. E SILVA		CPF: 02144485410	
Cargo/Função: DIRETOR / CCHLA			
Data: 05, 07, 2023		 Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Assinatura do CCHLA SIAPE 1516861	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B - GÊNERO PARLENDA E O FOLCLORE BRASILEIRO







ANEXO D - VISITAÇÃO A CASA DA CULTURA DO MUNICÍPIO



ANEXO E - CULMINÂNCIA DA SEMANA DO FOLCLORE COM A TURMA DO 1º ANO

